

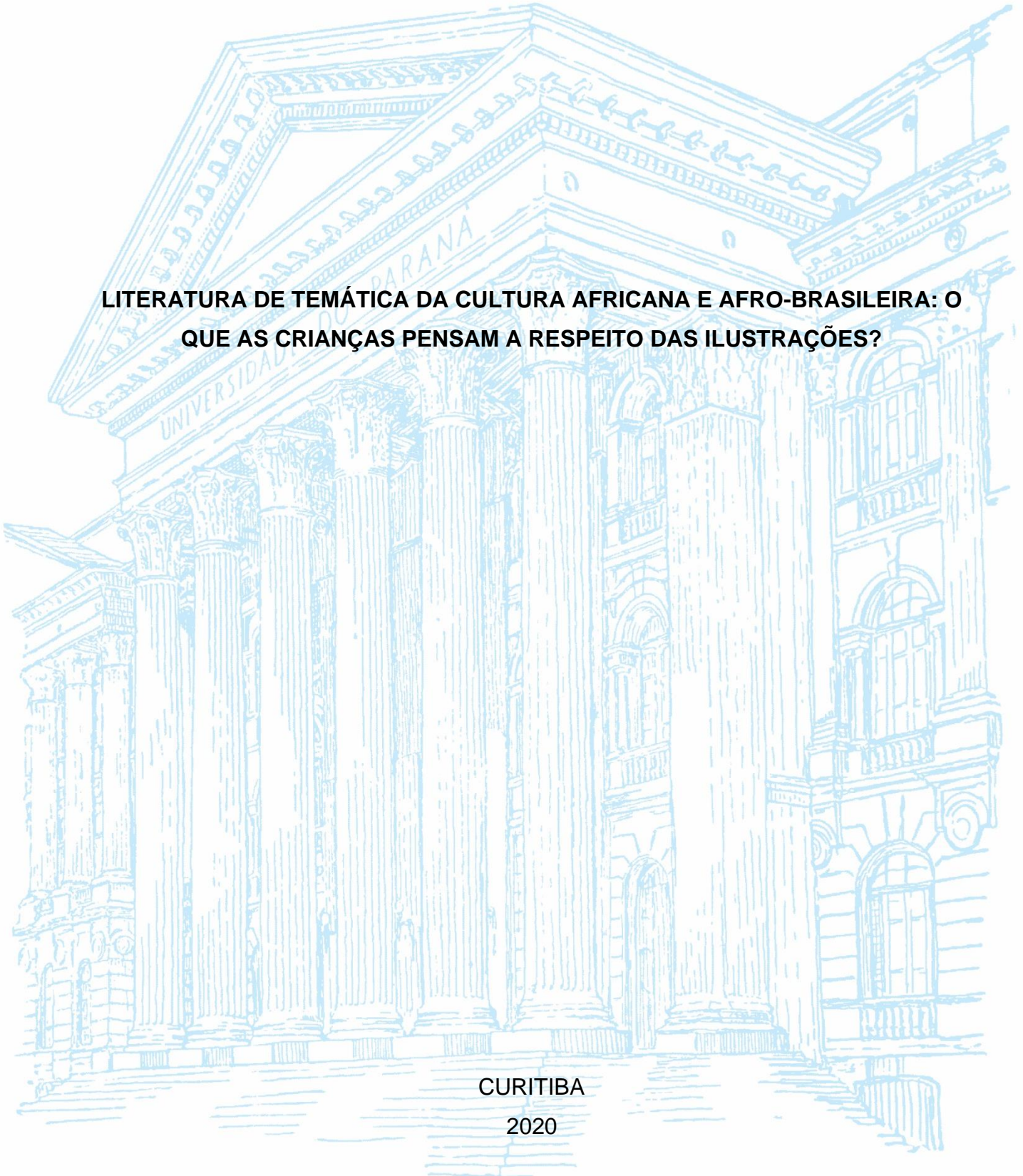
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIELA APARECIDA DA SILVA

**LITERATURA DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: O  
QUE AS CRIANÇAS PENSAM A RESPEITO DAS ILUSTRAÇÕES?**

CURITIBA

2020



GABRIELA APARECIDA DA SILVA

LITERATURA DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-  
BRASILEIRA: O QUE AS CRIANÇAS PENSAM A RESPEITO DAS ILUSTRAÇÕES?

TCC apresentado ao curso de Graduação em pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Lucimar Rosa Dias

Coorientadora: Profa. Ma. Sara da Silva Pereira

CURITIBA

2020

## TERMO DE APROVAÇÃO

GABRIELA APARECIDA DA SILVA

LITERATURA DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: O QUE AS CRIANÇAS PENSAM A RESPEITO DAS ILUSTRAÇÕES?

TCC apresentado ao curso de Graduação em pedagogia, Setor de educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

---

Profa. Dra. Thaís Regina de Carvalho  
Universidade Federal de Goiás

---

Prof(a). Dr(a)./Msc. \_\_\_\_\_  
Departamento \_\_\_\_\_, INSTITUIÇÃO

---

Prof(a). Dr(a)./Msc. \_\_\_\_\_  
Departamento \_\_\_\_\_, INSTITUIÇÃO

Curitiba, 09 de dezembro de 2020.

Dedico este trabalho a todas as crianças negras, que já sofreram com a ausência de uma identidade racial representativa nas literaturas infantis, crianças que muitas vezes não puderam se inspirar em um herói, um protagonista ou qualquer outra posição significativa em sua infância, que cada vez mais estas possam encontrar motivos para se orgulhar de quem são.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Rosângela que sempre me fez acreditar em dias melhores e nos meus sonhos, sua garra e fé na vida sempre me ajudaram a não desistir dos meus objetivos.

Ao meu companheiro Eduardo que sempre esteve ao meu lado, sendo o meu maior incentivador, acreditando em mim quando às vezes nem eu mesma acreditei.

À minha irmã Giovanna, pois é por causa dela que busco ser uma pessoa melhor com o intuito de ser um bom exemplo e para que ela veja que assim como eu, ela é capaz de realizar tudo que desejar.

À professora Lucimar Rosa Dias, por ter aceito ser minha orientadora e por ter proporcionado a melhor orientação em um ano tão atípico.

À professora Sara da Silva Pereira, por ter sido além de coorientadora uma amiga, sempre me acolhendo nos momentos de dificuldades e trazendo uma palavra de luz.

À professora Thaís Regina de Carvalho, por ter sido a minha orientadora durante dois anos de iniciação científica, me fazendo acreditar que poderia me tornar uma pesquisadora.

Às minhas amigas Bianca e Mayara que sempre estiveram ao meu lado durante toda a graduação, me dando todo apoio possível, estando comigo nos momentos difíceis e sempre me lembrando o quanto era forte e empoderada, sem elas não teria conseguido chegar aqui. Também agradeço a todas as minhas companheiras de graduação e trabalho, pois o companheirismo de cada uma delas tornou a minha jornada mais agradável.

À minha terapeuta Regiele que, com seu jeito meigo, me ajudou a enfrentar os obstáculos que surgiram ao longo do ano, suas consultas foram primordiais para o meu fortalecimento pessoal.

À família que aceitou participar dessa pesquisa, sendo sempre muito acolhedora e solícita, certamente levarei o vínculo que adquiri com ela por toda minha trajetória.

Às crianças que proporcionaram todo material necessário para o estudo, pois a participação de cada uma enche de vida a pesquisa.

## RESUMO

A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira vem sendo cada vez mais presente nas práticas pedagógicas da educação infantil, principalmente com a homologação da lei 10.639/03 que torna o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira obrigatório. Essa literatura tornou-se uma ferramenta para a promoção de uma educação antirracista. Há várias pesquisas apontando a importância de ler para crianças este tipo de literatura, no entanto, há poucas que apresentam o que as crianças dizem sobre ela, tanto em relação as histórias quanto às ilustrações. Por isso, elegemos como objetivo investigar o que crianças dizem sobre as ilustrações dos livros: “Olelê: uma antiga cantiga da África”, do autor Fábio Simões (2015) e da ilustradora Marília Pirillo e “Fuzarca”, da escritora Sonia Rosa (2011), ilustrado por Tatiana Paiva. Eliane Debus (2017); Sara Pereira (2019); Débora Araújo (2010); Erijane Simão (2013); Flávia Ramos, Marília Nunes (2014); Maria Clara Pacheco (2018); Gilmara Mariosa, Maria dos Reis (2011) e Lucimar Rosa Dias (2014), foram algumas das teóricas que colaboraram para as reflexões desta pesquisa. A pesquisa é qualitativa e utilizamos uma metodologia participativa. Devido a pandemia da Covid 19 a interação foi realizada por meio do aplicativo de *software* de videoconferência Zoom. Participaram da pesquisa quatro crianças com idades de oito, cinco, três e dois anos, sua mãe e a tia das crianças. Realizam “rodas de conversas *online*”, entre maio a setembro de 2020, em que lemos e conversamos com crianças e com a mãe delas. Além disso realizamos entrevista semiestruturada com a mãe e a tia sobre as ilustrações dos mesmos livros. Durante a pesquisa as crianças foram muito participativas nas rodas de conversa e percebemos que nesse movimento de interação com os livros as ilustrações foram um suporte importante sendo possível afirmar que por meio delas, as crianças se reconhecerem em personagens, reconheceram seus familiares, estabeleceram conexões entre suas vivências e o enredo das histórias e um dos elementos que lhes chama a atenção é a cor dos personagens. Outro aspecto importante é que a relação com o livro e suas ilustrações aguçou nas crianças interesse em saber mais sobre a cultura africana e afro-brasileiras e os elementos da cultura africana e afro-brasileira das histórias foram apropriados por elas de forma prazerosa.

Palavras-chave: Literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira.

Escuta de crianças. Ilustrações. Representatividade.

## ABSTRACT

Children's literature on the theme of African and Afro-Brazilian culture has been increasingly present in the pedagogical practices of early childhood education, mainly with the approval of Law 10.639 / 03 that makes the teaching of African and Afro-Brazilian history and culture mandatory. This literature has become a tool for promoting anti-racist education. There are several surveys pointing out the importance of reading this type of literature to children, however, there are few that present what children say about it, both in relation to stories and illustrations. Therefore, we chose to investigate what children say about the illustrations in the books: "Olelê: an old song from Africa", by the author Fábio Simões (2015) and the illustrator Marília Pirillo and "Fuzarca", by the writer Sonia Rosa (2011), illustrated by Tatiana Paiva. Eliane Debus (2017); Sara Pereira (2019); Débora Araújo (2010); Erijane Simão (2013); Flávia Ramos, Marília Nunes (2014); Maria Clara Pacheco (2018); Gilmara Mariosa, Maria dos Reis (2011) and Lucimar Rosa Dias (2014), were some of the theorists who contributed to the reflections of this research. The research is qualitative and we use a participatory methodology. Due to the Covid 19 pandemic, the interaction was carried out using the Zoom videoconference software application. Four children aged eight, five, three and two years participated in the research, their mother and the children's aunt. They hold "rounds of online conversations" between May and September 2020, in which we read and talk with children and their mother. In addition, we conducted a semi-structured interview with the mother and aunt about the illustrations in the same books. During the research the children were very participative in the conversation circles and we realized that in this movement of interaction with the books the illustrations were an important support and it is possible to affirm that through them, the children recognize themselves in characters, recognized their family members, established connections between their experiences and the plot of the stories and one of the elements that catches their attention is the color of the characters. Another important aspect is that the relationship with the book and its illustrations sparked an interest in children to learn more about African and Afro-Brazilian culture and the elements of African and Afro-Brazilian culture in the stories were appropriated by them in a pleasant way.

Keywords: Children's literature on African and Afro-Brazilian culture. Listening to children. Illustrations. Representativeness.

## LISTA DE FIGURAS

<u>FIGURA 1 - PERSONAGEM KALA</u> .....	50
<u>FIGURA 2 - PLANTAS E AREIA</u> .....	51
<u>FIGURA 3 - IMAGEM APONTADA PELA CRIANÇA PARA INDICAR OS IRMÃOS FAZENDO FUZARCA</u> .....	53
<u>FIGURA 4 - PERSONAGEM “MOÇA”</u> .....	55
<u>FIGURA 5 - PERSONAGENS GUI E INÁ DORMINDO JUNTOS</u> .....	56
<u>FIGURA 6 - TRAVESSIA DO RIO CASSAI</u> .....	57
<u>FIGURA 7 - CRIANÇAS</u> .....	58
<u>FIGURA 8 - PÁSSARO (PIU-PIU)</u> .....	60
<u>FIGURA 9 - CRIANÇAS APÓS A TRAVESSIA DO RIO (IMAGEM APONTADA PELA CRIANÇA)</u> .....	61
<u>FIGURA 10 - PERSONAGEM MENINO COM UM BALÃO AMARELO</u> .....	62



## LISTA DE TABELAS

<u>TABELA 1 - TRABALHOS COM TEMÁTICA SEMELHANTE À PESQUISA DE ACORDO COM A CAPES.....</u>	23
<u>TABELA 2 - TRABALHOS COM TEMÁTICA SEMELHANTE À PESQUISA DE ACORDO COM O GOOGLE ACADÊMICO .....</u>	25
<u>TABELA 3 - TRABALHOS COM TEMÁTICA SEMELHANTE À PESQUISA ENTRE 2010 E 2020 CAPES.....</u>	28
<u>TABELA 4 - TRABALHOS COM TEMÁTICA SEMELHANTE À PESQUISA ENTRE 2010 E 2020 GOOGLE ACADÊMICO.....</u>	29

## **LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS**

CAPES - COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

HP – HERMENÊUTICA DA PROFUNDIDADE

IBGE - INSTITUTO BRAGILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

NEAB - NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

PPGE - PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

SIEPE - SEMANA INTEGRADA DE ENSINO E PESQUISA E EXTENSÃO

TCC - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

UFPR - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

## SUMÁRIO

<b><u>1. A NOSSA HISTÓRIA COMEÇA ASSIM..... ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</u></b>	
<b><u>2. TUDO COMEÇOU COM A LITERATURA.....</u></b>	20
<b><u>2.1 A LITERATURA INFANTIL DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS .....</u></b>	20
<b><u>2.2 REVISÃO DE LITERATURA .....</u></b>	23
<b><u>3. TRILHANDO NOVOS CAMINHOS ...</u></b>	32
<b><u>3.1 METODOLOGIA.....</u></b>	32
<b><u>3.1.1 Entrevista com a família .....</u></b>	38
<b><u>3.1.2 Rodas de leitura e conversa <i>online</i> .....</u></b>	40
<b><u>3.1.2.1 Roda de conversa com o Homem Réptil .....</u></b>	43
<b><u>3.1.2.2 Roda de conversa com Linda Princesinha .....</u></b>	44
<b><u>3.1.2.3 Roda de conversa com Linda Cry Babies e o George Pig .....</u></b>	45
<b><u>4. A CONVERSA JÁ VAI COMEÇAR .....</u></b>	47
<b><u>4.1 PROCESSOS PARA AS ANÁLISES.....</u></b>	47
<b><u>4.2 ANÁLISES DAS RODAS.....</u></b>	49
<b><u>5. E ASSIM NOSSA HISTÓRIA CHEGA AO FIM. ....</u></b>	64
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	67

## 1. A NOSSA HISTÓRIA COMEÇA ASSIM...

No decorrer da minha trajetória de vida, especialmente na infância, senti por um longo tempo que não era representada nas histórias e nos contos de fadas que me eram contados. A ausência de personagens negras valorizadas me fez carregar por anos um sentimento de angústia. Me sentia feia por ser negra e não ter o cabelo liso como o das princesas que me eram apresentadas na literatura, com isso rejeitava minha origem negra, prendia meus cabelos e almejava ser diferente, ser branca.

Esta problemática, pela qual eu passei, tem sido estudada na pesquisa educacional, como nos apresenta Débora Araújo (2010, p.14):

A discussão em torno do racismo como elemento presente nos espaços escolares vem sendo estudada por diversas/os autoras/es. Grande parte dos estudos brasileiros têm-se voltado para a análise de conteúdo de livros didáticos e de literatura, os quais são identificados como mecanismos de criação e/ou reprodução de ideias e representações preconceituosas acerca da população (ou personagens) negras brasileiras.

De fato, apenas após meu ingresso na Universidade Federal do Paraná (UFPR) no curso de Pedagogia é que entrei em contato com alguns estudos com foco na Educação das Relações Étnico-raciais e rapidamente interessei-me e busquei fazer parte de grupos que tratavam deste tema.

Desde então, venho sentindo-me empoderada, ou seja, encontrando meu lugar e minha voz, tomando consciência de que aquela sensação de angústia é produzida socialmente e que existem representações positivas sobre o “ser negra” e formas de percepção que valorizam o cabelo crespo. Ter acesso a este conhecimento me tornou mais forte e mudou o modo como eu me percebo no mundo. Fui acolhida por professores e professoras da área, nessa caminhada e tenho certeza de que fui escolhida pelo meu tema de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Digo isso porque, a partir do segundo semestre de 2018, passei a fazer parte do projeto “Discurso e Relações Étnico-raciais” como pesquisadora de iniciação científica. Ele é coordenado pelo professor Paulo Vinícius Baptista da Silva do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da UFPR. Os objetivos da pesquisa do referido projeto são: a realização de análise e resenhas de obras de literatura infantil que abordam a temática africana e afro-brasileira, estudar os autores/as e os ilustradores/as de tais livros, apresentá-los/as por meio de bibliografias e ao final este

material irá compor um livro digital para divulgação e possibilitar o acesso e melhor conhecimento desse gênero literário.

Por meio desse projeto, conheci inúmeras obras que trazem personagens negras como protagonistas e valorizam a cultura africana e afro-brasileira, assim como estudos relacionados a essa literatura. Compreendi a importância que esses livros apresentam no combate ao racismo e na promoção da igualdade racial, tanto no âmbito escolar, quanto como no não-escolar.

A pesquisadora Eliane Debus (2017, p. 24) relata que:

[...] a partir de 2005 me dediquei a estudar os títulos disponíveis no mercado editorial brasileiro que apresentam, em suas páginas, a temática da cultura africana e afro-brasileira, com objetivo de mapear e dar visibilidade a essa produção, por acreditar que a literatura pode problematizar reflexões sobre práticas antirracistas para o universo da infância, seja no espaço escolar, seja em outros espaços socioeducativos.

De fato, minha experiência pessoal corrobora o que a autora apresenta, eu pude no contato com esta literatura desenvolver reflexões sobre o meu papel como futura profissional da educação. Outro evento que foi determinante para meu envolvimento com o tema ocorreu durante a Semana Integrada de Ensino Pesquisa e Extensão (SIEPE) de 2019, quando conheci a professora Lucimar Rosa Dias,<sup>1</sup> que faz parte da banca avaliadora da apresentação do meu Plano de Trabalho de iniciação científica do projeto “Discurso e Relações Raciais”, desde então venho acompanhando o seu trabalho como docente, pesquisadora e também autora de livros que abordam essa temática.

No fim do ano passado, entrei em contato com ela para propor a minha pesquisa de TCC e ela prontamente aceitou e me ajudou na escolha do meu tema o que, a princípio, me deixou insegura e inquieta, mas muito animada. Estudar o que as crianças pensam sobre as ilustrações é um grande desafio e aprendizado, visto que conhecemos diferentes reflexões dos adultos sobre isso. Contudo, nos parece importante indagarmos sobre o que as crianças têm a dizer sobre esta temática. Desta

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela USP, professora da UFPR atuando na graduação e no Programa de Pós-graduação em Educação na Linha Educação, Diversidade, Diferença e Desigualdades sociais. Coordenadora do ErêYá - Grupo de Estudos, Pesquisas e Ensino em Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFPR.

maneira, uma questão que nos animou foi: Como as crianças reagem às imagens presentes em livros considerados pelas estudiosas adultas como bons livros de temática africana e afro-brasileira? Decidimos investir nessa questão e como a professora Lucimar orientou a professora Sara da Silva Pereira<sup>2</sup> no mestrado com tema muito próximo, ela me sugeriu que a convidássemos para ser a coorientadora da pesquisa o que me deixou bastante feliz.

Desse modo, minha empolgação com o tema da pesquisa só aumentou com a entrada da professora Sara como coorientadora, pois já a conhecia. Participei de oficinas oferecidas por ela nas Semanas de Ensino Pesquisa e Extensão (SEPE) ofertada pela UFPR, nas quais ela abordava, juntamente com outros profissionais da educação, a cultura africana e afro-brasileira fazendo uso de contação de história, musicalização e outras propostas, como a criação da boneca Abayomi, cujo o aprendizado levo comigo e sempre que tenho oportunidade transmito esse conhecimento.

Ter duas mulheres e negras me orientando me deixa honrada, pois consigo me perceber em cada uma delas, o que reforça a ideia de que representatividade<sup>3</sup>, ou seja, a possibilidade de se reconhecer no outro (na outra) de modo positivo, de ter referências que fortalecem nossa identidade pessoal, política, profissional, e isso é importante em todas as etapas da vida pessoal e educacional, inclusive no ensino superior. Para Dias (2020, s.p.):

Representatividade é um termo que tem sido usado por ativistas da luta por igualdade racial, especialmente as pessoas negras, com o sentido que se coloca é a importância da representação de si, ou de sua comunidade política e social de modo positivo, nos mais distintos espaços: publicidade, literatura, livros didáticos, partidos políticos, universidades, etc. Ao usarem a expressão 'representatividade importa' questionam a ausência de negros e negras apresentados/representados a partir da perspectiva de sujeitas/os que resistiram aos processos de subalternização, mantiveram sua altivez ancorada na ancestralidade e na luta do Movimento Negro e possuem e produziram conhecimentos fundamentais para humanidade. Nesse sentido cobram da sociedade a ruptura com a branquitude normativa que colocam brancos nestes espaços como se a representação deste grupo dessa conta de representar/significar a pluralidade humana e reivindicam a ocupação de

---

<sup>2</sup> Mestre em Educação (UFPR), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Psicomotricidade e Mídias Integradas na Educação.

<sup>3</sup> Notas de orientação realizada em 12 de setembro de 2020.

imagens e presença negra positivas em todos os âmbitos. A perspectiva é que representatividade negra é o que possibilita ao negro/a identificar-se de forma edificante, inspiradora, rompendo com o modo danoso que o racismo vem associando ao negro e a cultura afro-brasileira e africana.

Sendo assim, o caminho que segui nesta pesquisa foi ouvir crianças sobre as ilustrações dos livros: “Olelê: uma antiga cantiga da África” do autor Fábio Simões e da ilustradora Marília Pirillo e “Fuzarca” da escritora Sonia Rosa com ilustrações de Tatiana Paiva, que são de literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira, ou seja, possuem o tema como recurso principal. A escolha destes livros se justifica, porque ambos têm ilustrações bastante significativas e têm sido bem avaliados por pesquisadoras do campo.

Por fim, esse estudo está organizado em três capítulos. O primeiro trata do problema de pesquisa, bem como os objetivos, justificativa e revisão bibliográfica. O segundo capítulo é destinado à apresentação da metodologia, a qual relata as análises das obras selecionadas para este estudo.

Por fim, no terceiro e último capítulo apresentamos as análises referentes às entrevistas semiestruturadas realizadas com os adultos participantes e a escuta das crianças em diálogo com os/as autores/as dos campos de estudos: da infância, literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira e educação das relações étnico-raciais.

## 2. TUDO COMEÇOU COM A LITERATURA...

### 2.1 A LITERATURA INFANTIL DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Após a homologação da lei 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação tornando obrigatório o ensino da História da África, a luta dos negros no Brasil, a cultura afro-brasileira e o papel do negro na formação da sociedade nacional, fica mais evidente a necessidade dessa temática se fazer presente no cotidiano escolar com o intuito de promover uma educação plural, não eurocêntrica e assim combater ideologias como a da democracia racial.

Em relação ao mito da democracia racial, Nilma Lino Gomes (2012) o pontua como uma corrente ideológica que nega a desigualdade racial entre brancos e negros em nosso país, afirmando que todos têm as mesmas oportunidades de tratamento. Gomes também afirma que esse mito além de negar a discriminação racial praticada contra a população negra no Brasil, perpetua estereótipos, discriminações e preconceitos sobre esse grupo racial.

Analisar o que causa este conceito é importante para entendermos a importância da alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação pela Lei 10.639/03, porque ao admitirmos que não há democracia racial passa a ser necessário construí-la e atacar os mecanismos que produzem a desigualdade racial. Para nós, a literatura é um dos instrumentos que contribui para desmontar o mito da democracia racial e promover a igualdade racial, porque reivindica o lugar da pessoa negra na literatura (e também em livros didáticos) de modo positivo e em quantidade correspondente à população brasileira, garantindo que sejam representadas de modo ativo e não subalternizado.

Entre essas alternativas, encontra-se a literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira, a qual torna-se um importante instrumento de disseminação de imaginários em que a população negra se apresenta de forma positiva. A esse respeito, Sara da Silva Pereira (2019, p.28) considera que “utilizar histórias de literatura infantil em que personagens negros têm uma presença positiva contribuiu para a construção de uma identidade étnico-racial positiva”, portanto, essa literatura



provoca rupturas nos modos negativos como os negros foram longamente representados na literatura infantil. Novos saberes emergem da literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira e são importantes para provocar a construção de imaginários que humanizam os sujeitos negros e nos fazem refletir sobre nossos conceitos e ações.

O termo “literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira”, é baseado nas pesquisas de Eliane Debus (2017), que relata que os títulos que se referem à produção literária para a infância estão divididos em três categorias: “1) literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira; 2) literatura afro-brasileira; e 3) “literaturas africanas.” (DEBUS, 2017, p. 33).

A primeira categoria, que é a que optamos por referenciar nesse estudo, diz respeito àquela em que as obras fazem referência à temática da cultura africana e afro-brasileira, seja por apresentar personagens negros e negras em situação de protagonismo ou por trazer outros elementos que retratem essas culturas de maneiras positivas.

A discussão sobre a literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira vem crescendo no meio acadêmico, e selecionamos duas dissertações de mestrado do banco de dados do Programa de Pós-graduação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que tratam do uso desta literatura para crianças na educação básica. Estes estudos tornam-se fundamentais para o referido trabalho de conclusão de curso, visto que apresentam análises sobre os discursos produzidos por crianças e adultos sobre educação das relações étnico-raciais.

A primeira dissertação é de Débora Cristina de Araújo (2010), “Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil”, a qual apresenta uma pesquisa que tem como objeto de análise os discursos acerca dos grupos raciais negros e brancos, construídos sob leituras de obras infanto-juvenis realizadas em turmas de quarta série do ensino fundamental, partindo da seguinte pergunta: os discursos da literatura infanto-juvenil e sua interpretação, em contexto escolar, apresentam estratégias ideológicas relativas à dominação racial?.

Para este estudo a autora utiliza como metodologia a Hermenêutica da Profundidade (HP), cuja proposta é investigar a respeito da produção, veiculação e recepção/interpretação de obras e neste caso ela analisou as das produções literárias infanto-juvenis (ARAÚJO, 2010). Entre as conclusões que a pesquisa trouxe, destaca-se o processo de hierarquização brancos/as - negros/as presente no espaço escolar

estudado e constatou que isso ocorria pela forma como as personagens negras são recebidas pela professora e crianças. De acordo com Araújo (2010, p.170), “isso se deveu, em grande medida, à constante reificação feita em torno de um modelo literário canônico, o que dificultou a algumas crianças de reconhecerem a diversidade humana”.

Neste estudo, a pesquisadora também observou a presença de leituras e debates realizados pela professora responsável pela disciplina de literatura infanto-juvenil, no qual tinha por objetivo “promover rupturas de um modelo depreciativo de representação da cultura africana” (Araújo,2010, p.171). Ao final, a autora constata o quão importante é estabelecer um compromisso com a literatura infanto-juvenil, visto que, após os momentos de leitura podem-se realizar diálogos que apesar de agirem com a função de manutenção de concepções e práticas racistas podem contribuir para sua ruptura.

Já na pesquisa de Sara da Silva Pereira (2019) “A Literatura Infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira com a palavra as crianças: ‘eu so peta, tenho cacho, so linda, ó!’, foi analisado como crianças com idade entre 3 e 4 anos, experienciam os processos de contação, leitura e apresentação de livro de literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira.

De acordo com ela, a pesquisa foi de cunho qualitativo e o interesse foi em escutar as crianças. Também foi realizada entrevista com a professora regente. O estudo foi desenvolvido em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de São José dos Pinhais, entre os anos de 2017 e 2018. Neste local foram registradas falas e produções das crianças a respeito da obra Bruna e a Galinha d’Angola, de Gercilga de Almeida (2009) e os registros ocorreram por intermédio de filmagens e diário de campo.

Ela afirma que essa literatura contribui para o processo de construção a respeito da identidade negra positiva, visto que proporciona às crianças negras a possibilidade de sentirem-se pertencentes a um grupo, pois elas se veem representadas nas histórias de modo positivo e para as não-negras lhe é possibilitada a interação com a diversidade étnico-racial (PEREIRA, 2019).

Além das pesquisas acima, que são inconteste em afirmar que a literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira é um meio de promoção de igualdade racial, outros estudos (entre os quais, alguns incluímos a revisão de literatura deste TCC) foram por este mesmo caminho, afirmando o que indica um consenso nesse

campo, dentre os pesquisadores e pesquisadoras. Porém, a discussão das pesquisas gira em torno das percepções adultas sobre a literatura, com exceção da pesquisa de Pereira (2019) que ouviu as crianças. Dentre essas discussões, poucas focam a ilustração dos livros, tratam em geral da história ou do livro de modo geral, por isso, surgiu o interesse em apreender como as crianças percebem nessa literatura as ilustrações e analisar as suas falas durante todo o processo de leitura das obras selecionadas para esta pesquisa de conclusão de curso.

## 2.2 REVISÃO DE LITERATURA

Esta pesquisa possui como objetivos realizar uma escuta ativa com crianças sobre suas impressões a respeito das ilustrações de duas obras literárias de temática da cultura africana e afro-brasileira apresentadas a elas; compreender suas reações e sentimentos em relação às personagens negras das histórias e analisar a função que as ilustrações desempenham nas obras literárias que abordam a temática da cultura africana e afro-brasileira, trazendo como aspectos centrais o que dizem as crianças.

Para isso, a revisão de literatura deste estudo consistiu na busca de pesquisas cujos temas estivessem relacionados com a literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira com foco em ilustrações.

Em um primeiro momento, foi visitado o banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), visto que esta fundação possui vínculo com o Ministério da Educação (MEC) do Brasil e atualiza constantemente a produção de pesquisas de mestrado e doutorado do país.

Os primeiros descritores procurados no banco de dados foram “personagens negros” e “personagens negros na literatura infantil”, com o filtro resultando em pesquisas publicadas entre os anos de 2010 a 2020. Nesse período foram encontrados 430 estudos e a grande maioria estava relacionada com personagens negras, mas não se relacionava diretamente à temática deste TCC, por isso, elencamos apenas os cinco citados a seguir.

Título	Autor (a)	Ano	Foco
Personagens negras nos livros de imagens do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) para a Educação Infantil.	Maria Laura Pozzobon Spengler e Eliane Santana Dias Debus	2019	Análise de literatura.
De que forma pessoas negras têm sido representadas em livros didáticos de Ciências utilizados em escolas públicas de Santa Maria-RS?	Lucas Santiago dos Santos e Luiz Caldeira Brant de Tolentino Neto	2018	Análise de livros didáticos.
PNBE 2010: personagens negros como protagonistas	Dagoberto Buim Arena e Naiane Rufino Lopes	2013	Construção da Identidade Negra

Ilustração de personagens negros e brancos em livros didáticos de Ensino Religioso do ensino fundamental.	Sergio Luis do Nascimento	2010	Análise de livros didáticos voltados ao ensino religioso.
---	---------------------------	------	---

FONTE: O autor (2020).

Além da CAPES, foi utilizado o “Google Acadêmico” como banco de dados e nessa plataforma foram encontrados 15.200 resultados com os mesmos descritores durante os anos de 2010 a 2020 e mesmo delimitando a busca para o ano de 2015 até 2020 o resultado se mantém o mesmo. Devido a esse acontecimento, a escolha das pesquisas foi exaustiva, não sendo possível realizar a leitura de todos os títulos. Com isso, foi necessário escolher entre os títulos que tratavam especificamente da leitura infantil e a representação dos personagens negros nas histórias desse segmento literário, o que acarretou na escolha de dez títulos. Em seguida, após a leitura dos resumos, seis estudos foram selecionados, pois se aproximavam com a intenção desse estudo em compreender o papel das ilustrações na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira.

TABELA 2: TRABALHOS COM TEMÁTICA SEMELHANTE À PESQUISA DE ACORDO COM O GOOGLE ACADÊMICO

Título	Autor (a)	Ano	Foco
Representações dos personagens negros e negras na literatura infantil brasileira	Mônica Abud Perez Cerqueira Luz	2018	Análise de literatura Infantil de temática africana e afro-brasileira

O negro na literatura infanto-juvenil	Luciana Cunha Silva e Katia Gomes Silva	2011	Pesquisa sobre a representação do negro na literatura ao longo da história
A representação da personagem negra na literatura infantil juvenil latino-americana.	Sandra de Oliveira Ferreira	2017	Estudo sobre a imagem da cultura negra em obras literárias
Literatura Infantil Negra: debatendo a cor do silêncio por meio da ilustração de personagens meninos.	Alice Cristina Carvalho Da Trindade	2019	Análise das ilustrações que acompanham o texto verbal de personagens meninos, nos livros de Literatura Infantil Negra.
Imagens do negro na literatura infantil brasileira: Análise historiográfica.	Maria Cristina Soares de Gouvêa.	2005	Análise Das representações sociais sobre o negro presentes na produção literária destinada à criança no Brasil, nas três primeiras décadas do século XX.

Representações dos negros na literatura infantil e juvenil.	Santuza Amorim da Silva, Daniela Amaral Silva Freitas.	2016	Investigar representações dos negros nos livros de literatura infantil e juvenil com foco na temática étnico-racial
---	--	------	---

FONTE: O autor (2020)

Dentre essas seis pesquisas observa-se que em sua maioria elas se referem à análise dos livros de literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira lançados após a homologação da lei 10.639/03, a qual torna o estudo de história e cultura afro-brasileira obrigatório na educação.

O estudo de Maria Cristina Soares de Gouvêa (2005) foi importante para compreender por meio de uma perspectiva historiográfica a trajetória dos personagens negros presentes na literatura brasileira e como ela foi utilizada como ferramenta na propagação do racismo em nossa sociedade. Segundo a autora:

A negra e o negro velho transformaram-se em personagem constantes, como agentes socializadores das crianças brancas, numa posição de servidão que revela a continuidade com o modelo escravocrata. Personagem sempre presente, mesmo que como coadjuvante, nas narrativas destinadas à criança do período, o negro surgia revestido de uma estereotipia (GOUVÊA, 2005, p.84).

Após as buscas realizadas com os descritores mencionados anteriormente, “ilustrações na literatura infantil” se tornou o seguinte descritor utilizado na busca realizada no banco de dados da CAPES e do “Google Acadêmico”, com o intuito de compreender o papel que as imagens desempenham nos livros voltados ao público infantil.

Redefinindo o tempo de busca de pesquisa para os anos de 2010 até 2020, obteve-se o resultado de 121 estudos, dos quais apenas cinco foram selecionados, pois tanto os títulos quanto os resumos dos textos se encontram de acordo com o

interesse dessa pesquisa em compreender as ilustrações presentes na literatura para crianças.

TABELA 3: TRABALHOS COM TEMÁTICA SEMELHANTE À PESQUISA ENTRE 2010 E 2020 CAPES

Título	Autor	Ano	Foco
Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil no processo de leitura	Flávia Brocchetto Ramos e Marília Forgearini Nunes	2014	Análise de literatura infantil
O livro infantil: a percepção por trás das ilustrações	Deise Carelli e Layla Martins de Aquino	2013	Prática
A escrita e a ilustração para a infância de Leonor Praça: um exemplo do que as imagens podem fazer.	Sara Raquel Duarte Reis da Silva	2017	Análises de literatura infantil
A ilustração de livros infantis – uma retrospectiva histórica	Neli Klix Freitas e Anelise Zimmermann	2019	Análise historiográfica das ilustrações



Livro Ilustrado: Palavras e Imagens	Marina Cavicchioli	2015	Prática
---	--------------------	------	---------

FONTE: O Autor (2020)

No banco de dados do “Google Acadêmico” foram encontrados mais de 14 mil resultados durante os anos de 2010 até 2020, utilizando o descritor “ilustração na literatura infantil”. Devido ao número de estudos apresentados pela ferramenta, não foi possível realizar a leitura dos títulos, foi necessário mudar o descritor para “literatura infantil e a representação de personagens negros nas ilustrações” o que trouxe como resultado vinte títulos, no entanto apenas setes faziam referência às ilustrações.

TABELA 4: TRABALHOS COM TEMÁTICA SEMELHANTE À PESQUISA ENTRE 2010 E 2020  
GOOGLE ACADÊMICO

Título	Autor	Ano	Foco
Ilustração na literatura infantil	Sonia Pascolati	2017	Análise de ilustrações na literatura infantil
Imagens da vida indígena: Uma análise de ilustrações em livros de literatura infantil contemporânea	Verônica Simm e Lara Tatiana Bonin	2011	Análise das representações que se produzem sobre os índios nas ilustrações

Explorando as ilustrações de livros infantis: suas possíveis leituras	Anelise Zimmermann	2015	Análise de ilustração de literatura infantil
Ilustrações em livros infantis alguns apontamentos	Luis Fernando Herbert Massoni	2018	Pesquisa bibliográfica
As ilustrações nos livros de literatura infantil: uma análise da menina do laço de fita de ana maria machado	Erijane da Silva Simão	2013	Análise de ilustração de literatura infantil de temática africana e afro-brasileira
O poder das imagens	Laura Aguiar	2011	Prática
Ilustração de personagens negras na Literatura Infantil: Um olhar sobre as produções de Josias Marinho	Mariana Silva Souza	2019	Análise de ilustração de literatura infantil de temática africana e afro-brasileira

FONTE: O Autor

De acordo com os trabalhos apresentados no levantamento bibliográfico, compreende-se que as ilustrações não são apenas um componente meramente decorativo, pois elas são responsáveis por atribuir sentido e sentimentos às narrativas,

visto que no próprio ato de contar histórias é possível despertar o imaginário dos ouvintes e fazer com que criem imagens em suas mentes.

Além dessas contribuições, foi observado que entre os textos selecionados os autores afirmam que as ilustrações se fazem presentes no processo de alfabetização, pois antes de conseguir realizar a leitura das palavras as crianças leem as imagens e por intermédio delas é compreendem a história de um livro. Como reforça Erijane da Silva Simão:

A imagem pode ser entendida como a primeira forma de leitura desenvolvida no indivíduo, ainda enquanto criança, e que permanece no mesmo durante toda a sua vida, portanto trata-se, naturalmente, uma das primeiras manifestadas na criança, pois a imagem é uma representação semi-concreta, mais direta que o código verbal escrito, se apresenta de forma abstrata, essa representação visual na Literatura Infantil tem como entendimento uma fértil interpretação que revela a imaginação (SIMÃO, 2013, p. 30).

Nos trabalhos de Verônica Simm e Lara Bonin (2011), as autoras refletem sobre o cuidado que devemos possuir em relação às ilustrações de personagens negros e indígenas, pois ao longo da história eles foram representados de forma depreciativa, o que impacta na percepção que as crianças podem ter sobre os livros que abordam essa temática. Por isso, é de suma importância a realização de análise dessas ilustrações, pois elas podem disseminar estereótipos relacionados à raça. Para as autoras:

Em alguns casos, os estereótipos acabam funcionando como marca distintiva ou como característica principal na composição de uma imagem – é o caso do personagem Papa-Capim, de Mauricio de Sousa – um indiozinho que facilmente reconhecemos, mesmo que o personagem não esteja inserido nos quadrinhos, ou no contexto da floresta. A cor da pele, o corte de cabelo, a tanga ao estilo norte americano são, por exemplo, os traços que distinguem este personagem (SIMM e BONIN, 2019, p. 89).

O levantamento bibliográfico também aponta que nos estudos encontrados, as ilustrações desempenham função de enaltecer personagens presentes nas histórias voltadas ao público infantil. Sobre isso, Mariana Souza (2018) em seu Trabalho de Conclusão de Curso, a qual estudou sobre a ilustração de personagens

negras na literatura infantil por meio das produções do ilustrador Josias Marinho, afirma que:

Cada ilustração do autor é pensada de maneira criteriosa e atenta, considerando aspectos sociais, históricos, bem como as possíveis reverberações de determinada composição visual. O artista também intenciona criar representações que possibilitem, para a criança negra, uma identificação empoderadora e eficaz que promova aceitação e afirmação de seu pertencimento étnico-racial (SOUZA, 2019, p.74).

Por fim, compreendemos que as ilustrações são capazes de aproximar a obra e os leitores, visto que elas podem ser a primeira forma de leitura realizada pelas crianças, além disso, elas também são uma das responsáveis por empoderar as personagens ou reforçar estereótipos e causar diferentes interpretações. Sendo assim, as ilustrações tornam-se peças fundamentais na literatura e, por isso, buscar compreender o que as crianças pensam a respeito delas é o objetivo desse estudo.

### **3. TRILHANDO NOVOS CAMINHOS**

#### **3.1 METODOLOGIA**

De início, essa pesquisa tinha como intuito realizar um trabalho de campo em uma instituição de educação infantil com crianças de 3 a 5 anos, contudo devido à pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus (COVID-19), a pesquisa foi reorganizada para um estudo qualitativo. Assim, pensamos em realizá-la com uma família, nossa alternativa para chegar até crianças nesta faixa etária sem estar no espaço da educação infantil. Definido isso, buscou-se por meio de contatos pessoais da pesquisadora uma família com crianças e que fossem negras.

O contato com família, participante deste estudo, ocorreu por meio de uma amiga do curso de graduação em pedagogia. Estávamos à procura de uma saída para realização da pesquisa e em conversa sobre isso ela nos disse que sua irmã era mãe de quatro crianças e que poderíamos realizar o TCC com elas. Ficamos exultantes, pois não estava parecendo nada fácil entrar em contato com crianças nesta faixa etária em meio à pandemia.

Por fim, recebi o número de telefone da irmã da minha colega, a mãe das crianças e nosso primeiro contato foi por um aplicativo de mensagem. Nos

apresentamos e foi lhe explicado brevemente sobre a pesquisa e ela, mãe, concordou com uma reunião por videoconferência na qual a nossa colega participou. A família é composta por quatro crianças e três adultos. A pesquisa foi realizada de maio a setembro de 2020. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: entrevista semiestruturada com as duas mulheres adultas, que figuraram como mediadoras no processo de pesquisa. A tia mediou o contato com a família e a mãe com as crianças. Além disso, foram realizadas seis rodas de conversa *online*, denominadas assim porque as costumeiras rodas de conversa usadas na educação infantil agora estavam mediadas por um aplicativo de videoconferência.

A metodologia segue em caráter qualitativo. De acordo com Tatiana Gerhardt e Denise Silveira (2009, p. 31), esta “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”. Assim, a pesquisa possui como interlocutora uma família com quatro crianças, com o objetivo de realizar a escuta das crianças sobre o que elas pensam a respeito das ilustrações presentes em dois livros de literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira.

Primeiramente, aconteceu um encontro usando a Plataforma *Zoom* com a mãe e a tia (nossa intermediadora), para apresentar a pesquisa, a fim de obter a adesão delas e o consentimento para incluir as crianças e elas como participantes da investigação. Foi assim, obtido o consentimento primeiro oralmente e depois foi enviado (APÊNDICE 1) para ser assinado por elas.

Para preservar os nomes da mãe e tia das crianças, considerando algumas normas de ética em pesquisa, mesmo tendo a concordância para sua realização, decidimos por usar pseudônimos que foram escolhidos por elas. A mãe pediu para ser citada com o nome de Regina em homenagem à sua própria mãe. Já a tia, optou por ser mencionada como Angela, referenciando a professora, filósofa e ativista do movimento negro e mulher negra nos Estados Unidos, Angela Davis. Também com as crianças foram usados os mesmos procedimentos que serão explicados no item sobre elas.

No dia 29 de maio de 2020, nos encontramos pelo aplicativo às 09h30 da manhã, ficou acordada a participação de Regina e Angela e a assinatura de um termo de compromisso (APÊNDICE 1) sobre o uso das imagens e falas, bem como a participação das crianças. Nessa conversa, expliquei à Regina e à Angela que seriam entrevistadas para conhecermos melhor a família. Conteí que apresentaria

antecipadamente as histórias escolhidas para elas e que durante a contação de história em que fazia, as crianças estariam com os livros escolhidos em mãos, uma vez que estes seriam enviados a elas. Expliquei que tanto Regina quanto Angela teriam um papel de mediadoras, para auxiliar no acompanhamento das observações referentes às ilustrações.

Nesse mesmo dia, também conheci as crianças (por meio de videochamada), me apresentei e o mais velho de oito anos demonstrou-se animado, se apresentou e perguntou sobre o que era a minha pesquisa. Aproveitei essa indagação e informei que íamos conhecer duas histórias e eles iriam me dizer o que pensavam delas e de suas imagens. Ao final, ele disse que esperava que eu lhe contasse um conto de terror.

Em um outro encontro por videochamada realizei o primeiro contato com as crianças, em que me apresentei como sendo uma pesquisadora e pedi ajuda de cada uma delas para conseguir fazer minha pesquisa. Expliquei que o projeto consistia em contar duas histórias para elas, sempre mostrando as ilustrações das obras para depois conversarmos a respeito das mesmas.

Essa pesquisa também contou com duas entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE 2), em que primeiramente escutei a tia, pois ela atuou como uma ponte entre a pesquisadora e a família. Depois, foi a vez da mãe das crianças, sendo que, com isso foi possível traçar um perfil da família e a sua relação com a literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira.

A esse respeito Rosália Duarte (2014) nos diz que:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (DUARTE, 2014, p. 215).

Assim, as entrevistas foram realizadas para conhecer um pouco mais a respeito dessa família, suas crenças, costumes e averiguar se já tinham ou não contato com a literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira.

Após esse momento, mãe e tia conheceram as histórias para se familiarizarem com elas. Ambos os livros foram selecionados por trazerem em seu bojo aspectos da cultura africana e afro-brasileira. No caso de “Olelê: uma antiga cantiga da África”, mesmo sendo escrito por um brasileiro, retrata a cultura e os antigos costumes de um povo que viveu na região hoje pertencente à República Democrática do Congo. Essa história apresenta uma canção em uma língua chamada Lingala. Para cantá-la foi necessário realizar uma pesquisa sobre a língua para ajudar na pronúncia na hora da contação. Essa língua pertence às regiões mencionadas anteriormente e é falada por 10.000.000 de pessoas (UTALK, 2020). Já o livro Fuzarca, foi escolhido por trazer como a principal temática a cultura afro-brasileira presente no cotidiano de Guido e Iná.

O livro “Olelê: uma antiga cantiga da África”, do autor Fábio Simões (2015), com ilustrações de Marilia Pirillo, conta a história de um povo pertencente à região de Cassai no continente africano. Naquela região havia um rio que também se chamava Cassai e durante suas cheias a população tinha que se preparar para a travessia nas águas, mas para isso eles faziam uso de uma antiga cantiga, portanto o morador mais velho, o *Kala*, chamava os mais novos cantando uma canção: *Olelê! Olelê! Moliba makasí!*

Num instante, meninos e meninas reúnem-se em roda, junto do Kala, atentamente escutam seus sábios ensinamentos e aprendem a importante canção que utilizarão na travessia. A correnteza é muito forte, o rio torna-se mais fundo, isso causa medo a todos, no entanto eles precisam ser fortes e corajosos e ao cantar a cantiga ensinada, conseguem seguir bravamente em frente. A canção era composta por palavras como *Yakara a oyá*, que significa, “vem coragem” e *Konguida a oyá*, que quer dizer: “vem, Valentina, vem”. Por fim, quando os remadores cassai conseguem realizar a travessia completa, chegam contentes à terra segura para viver e também se sentem muito corajosos e realizados.

Podemos observar nesta obra, o quanto ela é rica em detalhes, o que a deixa mais atraente. A respeito da importância das imagens, Simão (2013, p. 39) afirma:

[...] a imagem/ilustração no livro infantil ajuda a organizar o pensamento, a imagem ajuda na visualização agradável da página; quebra o ritmo em textos longos; apoia a leitura do ponto de vista do enredo ao construir formas, personagens, cenários; enfim, ajuda na construção do pensamento da criança.

As ilustrações deste livro são coloridas, com tons mais quentes e as cores predominantes são azuis e amarelos, com destaque para o rio Cassai, presente em quase toda a história. As personagens deste conto são todas e todos negros e negras, não foram observados estereótipos em suas figuras, mas sim o cuidado de apresentá-los como sujeitos fortes de uma região importante do continente africano.

Ao final do livro, ele apresenta informações de suma importância, nos revelando onde especificamente surgiu essa canção (na República Democrática do Congo) e como devemos cantá-la. Também é nos disponibilizado alguns conhecimentos sobre o continente africano, para isso se faz o uso de gráficos que nos mostram as diversas línguas faladas na África. Além disso, a obra nos traz algumas curiosidades sobre a língua Lingala, falada na República Democrática do Congo e as semelhanças que esta língua possui com a nossa, fazendo com que os leitores brasileiros se sintam mais próximos desta história.

O segundo livro escolhido para a leitura, foi “Fuzarca”, da autora Sonia Rosa (2011) e da ilustradora Tatiana Paiva, o qual nos conta a história dos irmãos Guido e Iná, que são crianças alegres, criativas e adoram festejar a vida com seus amigos e familiares. Aos domingos, eles recebem os amigos de seu pai, que fazem música e os da sua mãe que praticam capoeira e, com todo esse pessoal, a fuzarca é garantida. Os irmãos aproveitam para brincar, dançar e tocar caxixi, agogô, berimbau, pandeiro e atabaque, com os filhos dos amigos de seus pais e nesse encontro tudo vira arte.

Para deixar a festa mais animada, a mãe de Guido e Iná, prepara deliciosas guloseimas que adoçam a folia, porém com tanta diversão, o dia se despede juntamente com a fuzarca, pois é hora de pôr o pijama e ir para cama. Ao final dessa história, Sonia Rosa nos conta um segredo: Guido e Iná dormem sempre abraçados com as pernas entrelaçadas, como dormiam juntos na barriga de sua mãe.

Nesse conto podemos observar vários elementos da cultura africana e afro-brasileira, como os instrumentos de origem africana, a capoeira e a própria palavra fuzarca, que possui origem africana e é sinônimo de festa. As personagens principais, Guido - negro e Iná - branca, compartilham o protagonismo da narrativa de forma igual. Nas ilustrações de Tatiana Paiva, ilustradora graduada em Desenho Industrial/Comunicação Visual pela Fundação Armando Álvares Penteado, observamos a presença de personagens negras e não negras, que compõem um cenário colorido, repleto de elementos que remetem à festa, música e à cultura infantil.



Depois de apresentar as histórias à família explicamos que, devido ao isolamento social, a contação de história com as crianças ocorreria por meio de videochamada e que a colaboração da mãe neste processo seria fundamental.

Antes do encontro com as crianças para trabalhar cada uma das histórias, realizamos uma pré-contação da história sob a orientação da coorientadora para ajustarmos os encaminhamentos do momento com as crianças.

Para a leitura das histórias, optou-se por separar as crianças por idades, o que sucederia em três encontros para que cada uma expressasse suas opiniões sem interferência de seus irmãos, já que cada uma poderia apresentar uma percepção diferente a respeito das ilustrações das obras.

Mãe e tia, nossas mediadoras, acompanhariam as crianças em todos os momentos. Para isso, receberam, com antecedência, o livro no formato físico com instruções (APÊNDICE 3) de como manuseá-lo durante a leitura, pois a estratégia definida na metodologia é que eu como pesquisadora contaria a história pela videoconferência transmitindo tanto a primeira quanto a segunda história, pelo modo de compartilhamento de tela, e as crianças para apreciarem melhor as ilustrações estariam com o livro físico em mãos. Queríamos que elas interagissem o máximo possível com as ilustrações. Segundo Maria Claro Pacheco (2018, p.65):

Todas as imagens podem ser lidas, contudo, algumas delas nos induzem mais à narrativa e ao devaneio. Para cada pessoa esse efeito é provocado por imagens diferentes, uma vez que cada um tem sua bagagem de experiências e tem o olhar moldado por aquilo que já viveu, quer dizer, a leitura é passível de influência, vemos aquilo que esperamos ver. Cada indivíduo vê sua ilusão e sua realidade pessoal a partir de uma imagem ou ilustração.

Ao final da leitura, foram realizadas “rodas de conversa online” (APÊNDICES 4 e 5) com as crianças, com perguntas relacionadas às ilustrações de personagens e componentes como: a natureza, os instrumentos musicais, as cores das imagens. Elas também responderam sobre o que pensavam a respeito da história em si, se gostaram ou não e o que mais chamou a atenção delas. No terceiro capítulo desta pesquisa, se encontram as análises referentes a essas conversas realizadas após a leitura.

Desta forma, ao idealizar esse tipo de encaminhamento metodológico, compreende-se a criança como um sujeito ativo que, nas suas interações consegue

significar e recriar o mundo ao seu redor (CORSINO, 2009), portanto ouvi-las foi o norteador principal dessa pesquisa, que visou respeitar suas subjetividades e entender que elas não são passivas no que diz respeito às suas vivências. De acordo com a perspectiva trazida pela Sociologia da Infância “permitiu-se pensar a criança como sujeito e ator social de seu processo de socialização, e também construtora de sua infância, de forma plena, e não apenas como objeto passivo desse processo e/ou de qualquer outro. (ABRAMOWICZ, OLIVEIRA, 2012, p. 49)”.

Por meio das ilustrações destas obras nosso objetivo era observar o que as crianças diriam sobre as ilustrações e que tipo de sentimentos revelariam. As crianças demonstram alegria ou rejeição ao entrarem em contato com os personagens negros dos livros? O que elas dizem sobre eles? Porém, embora estivéssemos muito ansiosas para chegarmos até as crianças, o formato da nossa pesquisa exigia cautela e uma boa articulação com nossas interlocutoras adultas, por isso, realizamos a entrevista para conhecê-las um pouco mais.

### **3.1.1 Entrevista com a família**

As entrevistas com a família, em modelo semiestruturadas (APÊNDICE 2), ocorreram durante os dias 25 e 26 de junho, em que primeiramente foi entrevistada a Angela (tia das crianças) e no segundo dia a Regina (mãe). Ambas duraram 30 minutos e foram gravadas em vídeos.

As primeiras perguntas foram referentes ao nome, idade, profissão e o grau de parentesco com as crianças. Em seguida, elas responderam como se classificam de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística): branca, preta, parda, indígena ou amarela e como classificam as crianças. Em seguida, foram questionadas sobre o que sabem a respeito do intuito desta pesquisa. Também foi perguntado se a família tem livros em casa, se possuem o hábito de ler para as crianças e como são esses momentos. Por fim, elas responderam quais eram suas expectativas em relação ao estudo.

Durante a entrevista, tanto a Regina (mãe) quanto a Angela (tia) se autodeclararam como pretas e declararam que toda a família assim se considera. Em relação ao hábito de leitura, somente a Regina informou ter esse costume e concluiu dizendo que realiza esses momentos de leitura por meio de roda. Ao ser solicitada que contasse se as crianças gostam desses momentos de leitura e como reagem,

Regina nos conta que: “eles gostam, mas o mais novo, não tem muita paciência para ouvir e ficar parado”. O que é absolutamente compreensível, pois ele tem apenas 2 anos e crianças nesta idade têm seus “olhos” voltados para vários interesses, o que muda continuamente seu foco de atenção.

Ao final das entrevistas, foram apresentadas as duas obras selecionadas para a pesquisa e ambas informaram suas primeiras impressões. Sobre a obra “Olelê: uma antiga cantiga da África” a Angela (tia) relatou que já a conhecia, visto que por sermos colegas de graduação tivemos contato com o livro na universidade. Segundo a Angela, o livro “Olelê: uma antiga cantiga da África” tem uma história envolvente, descritiva e com muitos aspectos culturais. É carregada de elementos que são representativos para as crianças desde a música até o fato de serem crianças que realizam a travessia: “acho que ela apresenta e provoca de maneira sutil e bem delineada o tema racial e afro-cultural”. Disse, ainda, que “gostou muito e achou emocionante a música, considerando que tudo se encaixava maravilhosamente.”

Ao apresentar a segunda obra escolhida, a tia relatou que não conhecia o livro “Fuzarca”, de Sonia Rosa, mas após o seu primeiro contato com ele - ocorrido na entrevista - ela relatou que considera um livro importante, pois tem personagens com diferentes tons de pele e personalidades e isso traz um sentimento de representatividade, já que as crianças podem vir a se identificar com algum deles.

Além disso, relata que também era possível, através das ilustrações, perceber a personalidade de cada personagem. Tinham pessoas que eram mais extrovertidas, enquanto outras eram mais tímidas e isso trazia a possibilidade de identificação para as crianças porque elas também eram assim, cada uma possuía o seu jeito. Para ela, “Fuzarca” era um livro que representava bem “a literatura infantil de cunho étnico-racial e deveria estar em todas as escolas com o intuito de promover o aumento do repertório das crianças”.

Na entrevista com a Regina, ela contou que não conhecia nenhum dos livros antes dessa pesquisa. O que nos coloca um desafio para difundir a literatura de temática africana e afro-brasileira para além dos muros das instituições educacionais, pois mesmo uma mãe que costuma ler para seus filhos e se identifica como negras não conhecia dois livros que são bastante citados por pessoas da área da literatura com esta temática. Sobre o livro “Olelê: uma antiga cantiga da África” comentou que é uma obra colorida e de linguagem de fácil compreensão. De acordo com ela o livro “é um encanto! Super colorido, de fácil linguagem e muito bem ilustrado. A questão

da canção é instigante e estimula a pesquisa e o aprofundamento da cultura africana. Um amor!”.

Já sobre a obra “Fuzarca”, assim como a Angela, a Regina afirmou que a história narrada proporcionava a representatividade às crianças, trazendo as diferenças físicas entre as pessoas. Para ela, ambas possuem uma linguagem acessível, no entanto, em relação às imagens, segundo ela, o “Fuzarca” poderia apresentar um fundo mais colorido, com o intuito de ser mais atrativo para as crianças menores, mas que apesar disso ele é um livro apropriado para as crianças em idade pré-escolar. Após as entrevistas com Regina e Angela e a concordância delas de que os livros escolhidos poderiam ser lidos para as crianças, partimos para a próxima etapa da pesquisa que era escutar as crianças e que será apresentada no próximo item.

### **3.1.2 Rodas de leitura e conversa *online***

Por conta da pandemia que estamos passando, como já citado ao longo da pesquisa, os encontros com as crianças ocorreram todos de forma remota, por videochamadas. Esses momentos de rodas de leitura e conversas virtuais foram inspirados nas atividades divulgadas no *Blog* “A taba”, que ofertou um curso *online* e gratuito, no dia 15 de abril, sobre as possibilidades das rodas de conversa e leitura *online*.

Segundo Denise Guilherme (2020), fundadora do *Blog*, devido ao isolamento social que nos encontramos, as rodas virtuais proporcionam a troca entre leitores e ouvintes, permitindo que as crianças falem sobre suas impressões do livro exposto por meio do compartilhamento de tela.

Seguindo estas orientações, as crianças envolvidas nesse estudo, participaram de rodas de leituras que foram acompanhadas por uma adulta. Esses momentos ocorreram por videochamada para os quais os livros selecionados foram escaneados e transmitidos via compartilhamento de tela durante a leituras.

Além disso, ela poderia apreciar o livro físico que estava de posse das adultas responsáveis e que receberam instruções de como manuseá-los com as crianças. Ao final da leitura foi realizado um momento de conversa, em que cada criança responderia algumas perguntas sobre as obras e poderia relatar suas impressões. Ressalto aqui o cuidado em utilizar o escaneamento apenas para a realização dessa

roda de leitura, pois possuíamos os livros físicos e temos a ética de não distribuir ou compartilhar obras sem a devida autorização dos autores e/ou editoras.

Tanto os momentos de leitura quanto os de conversa, ocorreram da seguinte forma: as crianças foram separadas por idades, sendo que a de oito e a de cinco anos participaram dos encontros individualmente. Já a de três e a de dois anos, compartilharam desses encontros mutuamente. Essa divisão se sucedeu com o intuito de que as crianças não interferissem nas respostas uma das outras, pois assim os dados obtidos não sofreriam com tantos agentes externos. Os mais novos ficaram juntos por uma questão de organização, para poupar a família de participar de tantos encontros *online*, já que a mãe das crianças estava em período de gestação quando participava da pesquisa<sup>4</sup>.

As crianças participantes desse TCC são: dois meninos, um de oito anos e outro de dois anos e duas meninas, uma com cinco anos e outra de três anos. Durante os momentos de roda de leitura e conversa, eles foram acompanhados pela tia e/ou mãe, como citado anteriormente. Elas eram responsáveis por fazer a mediação desses momentos, às vezes mostrando o livro físico, às vezes repetindo as perguntas e assim ajudaram para que as crianças, principalmente as menores, se sentissem em um ambiente acolhedor tendo por perto a figura de uma adulta da família.

Para preservação das identidades das crianças, foi realizada uma roda de conversa *online* com todas para que elas pudessem escolher como gostariam de ser identificadas na pesquisa. Cada uma escolheu um nome de acordo com seus interesses. Elas foram receptivas ao receberem o anúncio de que teriam que escolher novos nomes, não houve questionamento por parte delas e queriam escolher rapidamente.

O mais velho foi o primeiro a comunicar a sua escolha, dizendo que queria se chamar “Homem Réptil”, pois adorava todos os répteis, como: as cobras, tartarugas e jacarés. Logo após, as meninas me contaram como queriam ser chamadas e, ao contrário do Homem Réptil, ambas estavam tímidas, mas conseguiram dizer seus novos nomes. A primeira das irmãs, com cinco anos, falou que desejava ser a “Linda

---

<sup>4</sup> A Regina (mãe das crianças) estava em período de gestação e no mês de outubro deu à luz a um menino.

Princesinha”, pois gostava de ser uma princesa, já a de três anos falou que seria a “Linda Cry Babies”<sup>5</sup>, pois é o seu desenho favorito.

Por fim, todos os irmãos ajudaram o mais novo de dois anos na escolha do nome, pensaram juntos o que ele mais gostava, perguntaram qual era o desenho que ele preferia e ele responde com uma palavra: “Pepa”<sup>6</sup>. Então, perguntaram se ele queria ser o personagem “George Pig”, pois “Pepa” é uma menina, o caçula aceitou ser o “George Pig”.

Não iremos discutir a questão de gênero porque não é o nosso foco de pesquisa, mas é importante destacar para indicar a necessidade de investigar como o imaginário infantil está sendo afetado por este tema, expresso tanto em relação às escolhas de meninos, quanto das meninas. Na pesquisa de Pereira (2019), também se faz presente figuras imaginárias distintas entre meninos e meninas. Para os primeiros, super heróis e assemelhados estão mais presentes e para as segundas, as princesas são mais recorrentes. O agravante das princesas é maior porque está implicado a uma forma de ser mulher tanto em relação às atitudes quanto aos aspectos físicos.

Vale o registro da interdição feita pelas crianças mais velhas à escolha do irmão mais novo, indicando novamente que o recorte de gênero nesses processos que permeiam o imaginário das crianças precisa de pesquisas, pois para estas crianças, foi possível pensar a si mesmo como um animal, mas um menino ser uma “porquinha cor de rosa” não.

Outra questão importante ao constarmos as escolhas é a influência das animações. Elas são a principal fonte de inspiração da criança quando convocadas a se pensarem outros sujeitos/pessoas/personagens, fato que está presente na pesquisa de Pereira (2019) quando faz solicitação parecida para crianças de 3 anos. Observem que as adultas se inspiraram em figuras femininas importantes para suas vidas: a mãe é uma ativista negra e as crianças recorrem a personagens imaginários, o que reafirma a importância da literatura e de animações que tragam personagens negros/as de modo positivo.

---

<sup>5</sup> Para conhecerem é possível assistir a episódios na plataforma Youtube. A animação consiste em episódios que contam as aventuras de alguns bebês fantasiados como animais e os principais personagens são majoritariamente brancos.

<sup>6</sup> Peppa Pig é outra animação que tem como personagem uma porquinha cor de rosa que vive com seu irmão George e seus pais. Neste caso pode-se conhecer episódios no Youtube.

As crianças ficaram animadas com seus novos nomes e ao longo das escolhas se mostraram muito participativas. A seguir, serão descritas as rodas virtuais realizadas com cada criança, referentes às obras selecionadas, contudo a análise das falas obtidas durante a realização de perguntas sobre as imagens trazidas pelo livro “Olelê: uma antiga cantiga da África” e “Fuzarca” estão presentes no capítulo referente às análises.

### 3.1.2.1 Roda de conversa com o Homem Réptil

No dia dois de julho foi realizada a leitura da obra “Olelê: uma antiga cantiga da África” com o Homem Réptil, de oito anos, em que a Regina (mãe) foi a mediadora desse encontro realizado através da plataforma do “Zoom”. No começo do encontro, me apresentei novamente como pesquisadora que tinha a intenção de saber o que as crianças pensam sobre as imagens de um livro que iria ler e que, assim, estaríamos os dois sendo pesquisadores. Ao final, perguntei se concordava em participar desta pesquisa e prontamente ele me respondeu que sim.

Em seguida, combinamos que nosso encontro ocorreria da seguinte forma: Eu iria contar uma história por meio do compartilhamento de tela, mas ele poderia acompanhar no livro físico, que se encontrava com a sua mãe para que ele pudesse ver melhor as imagens.

Percebi que, de início, o Homem Réptil estava tímido, me respondendo de maneira objetiva, contudo aos poucos com o compartilhamento de tela ficou animado, dizendo que era incrível poder ver o livro dessa maneira. No decorrer da contação, fazia uma pausa para que ele pudesse observar melhor as imagens. Durante este momento, o Homem Réptil se manteve atento e me informou que preferia ver pela tela, pois “era mais legal”. Ao final da leitura, retiramos o compartilhamento e começamos a conversar sobre as ilustrações do livro. Ele respondeu todas as perguntas, relatou que tinha o desejo de conhecer sobre a África e que gostou da música presente no livro.

Já a leitura da segunda obra selecionada, “Fuzarca”, aconteceu no dia doze de agosto às dez horas da manhã e foi novamente Regina quem nos acompanhou nesta etapa.

Começamos esse momento lembrando o que aconteceu no encontro passado e informei que iríamos conhecer uma nova história e ao final ele teria que me responder umas perguntas se estivesse de acordo, ele concordou com os combinados e informou que estava muito feliz por participar da pesquisa.

Observei que o Homem Réptil se manteve atento à tela, pois ao abrir o compartilhamento, ele disse: “Eu acho muito legal ver a história grandona aparecer na tela”. Com isso, ao longo da leitura, ele acompanhava apenas pela plataforma, sem fazer uso do livro físico. Assim, como na primeira roda de conversa, ao finalizar, o Homem Réptil também participou de uma roda de conversa, na qual foram realizadas perguntas sobre as imagens presentes no livro “Fuzarca”. Por meio dessa obra, o Homem Réptil indagou várias vezes como a relação dos personagens gêmeos da história era semelhante à sua relação com a Linda Princesinha de cinco anos e também demonstrou que compreendia o conceito da palavra fuzarca como sendo algo para referenciar a folia e a bagunça.

### 3.1.2.2 Roda de conversa com Linda Princesinha

A segunda roda de leitura *online* aconteceu no dia três de julho, com a Linda Princesinha de cinco anos e a sua tia e mãe acompanharam. A família me disse que a Linda Princesinha é mais tímida em relação aos seus irmãos e que talvez não interagisse comigo. Assim, combinamos que no dia da contação de história do livro “Olelê: uma antiga cantiga da África” a mãe também estaria presente tornando-se mais um apoio nesse momento. A leitura ocorreu como no encontro anterior, com o Homem Réptil, e foram realizadas pausas para apresentação dos personagens, permitindo que a Linda Princesinha pudesse observar as imagens com calma.

Começamos nosso encontro cumprimentando uma à outra, o que me deixou mais tranquila em relação à sua participação. Depois de me apresentar, expliquei para ela que estou fazendo uma pesquisa sobre o que as crianças pensam a respeito das figuras no livro que vou ler para ela, mas antes precisava saber se concordava em participar e prontamente me respondeu que sim. Combinamos que ao final da leitura eu iria fazer algumas perguntas sobre o que aconteceu no livro e por isso iríamos fazer pausas para que a Linda Princesinha pudesse ver as figuras da obra, que apareceriam na tela do computador e no próprio livro físico que estaria com sua mãe.



Durante a contação, a Linda Princesinha ficou em silêncio, acompanhando a história pelo computador. Ao final, realizamos a roda de conversa, como havíamos combinado no começo de nosso encontro.

A segunda roda de leitura e conversa realizada com a Linda Princesinha, teve sua mãe nos acompanhando no dia onze de agosto, às dez horas da manhã. Tão logo nos encontramos, observei que a Linda Princesinha estava mais receptiva em relação a vez passada, ela me cumprimentou sem a ajuda da adulta e tivemos nossas primeiras conversas tranquilamente, com ela interagindo o tempo todo comigo. Comecei retomando o que havíamos realizado e que nesta data iríamos dar continuidade, porém seria lido uma nova história para ela e, ao final, me responderia algumas perguntas sobre o livro apresentado. Perguntei se ela queria ouvir a história e ela disse que sim. Apresentei o livro “Fuzarca”.

Durante o momento de leitura, a Linda Princesinha acompanhou a história pelo computador, se manteve atenta até o final da apresentação e, ao final, a interroguei para saber se concordaria em me responder algumas perguntas sobre o livro e novamente ela afirmou que responderia.

Ela estava animada nesta segunda roda, conversando e respondendo às minhas indagações e, assim como seu irmão, o Homem Réptil, ela se identificou com a relação dos personagens gêmeos da história, nos contou que se não tivesse um beliche dormiria na mesma cama com seu irmão mais velho (Homem Réptil), assim como dormem os irmãos Guido e Iná, do livro “Fuzarca”.

### 3.1.2.3 Roda de conversa com Linda Cry Babies e o George Pig

A roda de leitura e conversa referente a primeira obra escolhida, “Olelê: uma antiga cantiga da África”, aconteceu no dia seis de julho com a Linda Cry Babies de três anos e o George Pig de dois anos e, para esse encontro, combinamos que a Regina (mãe) e a Angela (tia) dos pequenos seriam as mediadoras no momento da contação de história e da conversa.

Demos início à roda, nos cumprimentamos, as crianças prontamente me acolheram e perguntaram se poderiam vir à minha casa para me conhecer e brincar comigo. Combinamos que depois da quarentena poderíamos nos encontrar.

Em seguida, informei a elas que estava fazendo uma pesquisa e queria saber o que as crianças pensam sobre os desenhos no livro que contaria para elas e que, para isso, gostaria de saber se ambas queriam participar.

Por conta da idade, pedi para elas me acenarem se concordassem em participar com um sinal afirmativo com o polegar. Felizmente elas sinalizaram que queriam fazer parte e ouvir a história. Ao realizar tal pedido, em momento algum quis subestimar as crianças. No entanto, como estamos distantes, separadas por uma tela, fiquei receosa em não conseguir interagir adequadamente com elas. Sabemos que as crianças falam através de diversas linguagens e nós, adultos, temos que estar atentos para realizar essas leituras.

Pereira (2019) aponta isso em seu trabalho, nos indicando que as possibilidades de escuta das crianças não ocorrem apenas pela palavra oralizada. De acordo com a autora: “[...] inúmeras são as possibilidades de capturar a escuta delas, pois como já se sabe, crianças desta idade falam muitas linguagens e não apenas pela oralidade” (PEREIRA, 2019, p. 33).

Antes de começarmos a contação, expliquei que elas precisavam ficar atentas, pois a história iria aparecer grande na tela do computador. A mãe das crianças já estava com o livro aberto para auxiliá-las, o que foi uma boa estratégia, pois durante a leitura o George Pig ficou menos concentrado, o que já era esperado e com o apoio do livro ele conseguiu acompanhar melhor. Já a Linda Cry Babies, ficou atenta e acompanhou ora pela tela ora pelo livro. A leitura ocorreu de forma mais pausada. Parávamos em alguns momentos chamando a atenção dos pequenos para as imagens da obra.

Assim como seus irmãos, depois da leitura conversamos, sempre tendo algumas questões que me orientaram e, tanto a Linda Cry Babies quanto o George Pig, falaram animadamente sobre os livros e sobre as ilustrações dos personagens na medida em que eu ia instigando-os a participarem.

A leitura do livro “Fuzarca”, ocorreu no dia dez de agosto às dez horas da manhã, assim como no encontro anterior realizamos com a presença de Regina e Angela. Para começarmos esse momento, me apresentei novamente e perguntei se elas se lembravam do que havíamos feito anteriormente. As crianças me disseram que eu contei uma história para elas e a partir dessa resposta afirmei que leria um novo livro se elas quisessem continuar comigo a pesquisa. Elas disseram que

queriam. Expliquei também que depois de ler íamos conversar novamente, igual à outra vez, sobre os desenhos da história.

Antes de começarmos a leitura, avisei às crianças que poderiam ver os desenhos do livro pelo computador ou pelo livro e observei que novamente George Pig acompanhou pelo livro físico que estava com a Regina e a Linda Cry Babies pelo computador.

Durante a leitura, a Linda Cry Babies mostrou-se atenta e acompanhou até o final e George Pig, logicamente andou pela sala, indo e voltando para o livro, conforme sua vontade e sempre que eu chamava a atenção para uma imagem ele ia ver o livro com a mãe, o que nos indicou que ele estava atento a tudo que estava acontecendo. No momento de conversa, ele explorou o livro físico fazendo diversos apontamentos que serão discutidos no capítulo referente à análise.

## **4. A CONVERSA JÁ VAI COMEÇAR**

### **4.1 PROCESSOS PARA AS ANÁLISES**

Para fazer as análises, nos inspiramos no método de análise de conteúdo da Bardin (1977) que conceitua análise da seguinte forma:

O que é a análise de conteúdo atualmente? Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a 'discursos' (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência (BARDIN, 1977, p.15).

Dizemos que a análise é inspirada em Bardin porque não seguimos exatamente os procedimentos apresentados por ela, ou seja, as etapas: Pré-análise, Exploração do material e Tratamento dos resultados obtidos e interpretação. A análise tem sido reinterpretada pelas pesquisadoras do grupo de pesquisa ErêYá<sup>7</sup> ao qual a orientadora e coorientadoras dessa pesquisa são filiadas. Há um artigo em fase de

---

<sup>7</sup> ErêYá – Grupo de Estudos em Educação para as Relações Étnico-raciais, ainda não registrado no diretório da CAPES funciona em articulação com o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Africanos da UFPR e do OCUPP - Observatório de Culturas e Processos Políticos-Pedagógicos

escrita que detalhará esta metodologia de análise de conteúdo gestada no grupo e provisoriamente denominada de “Análise de atribuição de sentidos”<sup>8</sup>

De acordo com Lucimar Rosa Dias “A metodologia Atribuição de sentidos” é inspirada no método de análise de conteúdo de Bardin, pois se organiza em três fases: a primeira que em Bardin é a Pré-análise, nesta está intitulada provisoriamente de “Tatear”. A segunda em Bardin é Exploração do material e nesta é “Marcar” e a 3ª fase de Bardin é Tratamento dos resultados obtidos e interpretação e na metodologia do grupo chama-se “Transmudar”. (DIAS, s/p, 2020).

O primeiro passo foi o “Tatear” do material empírico, organizando os dados advindos das rodas de conversa. Depois realizamos a leitura, ouvimos as falas das crianças e lemos atentamente as anotações. Esse material passou por diversas sessões de leitura, exaustivamente. O segundo momento foi o “Marcar” também aqui grifamos/destacamos o que era considerado mais importante e para isso contamos com o recurso de marcar texto disponível no computador, com o intuito de preparar o material para o momento de “Transmudar”, ou seja, a análise do material.

Nas entrevistas com as adultas, tanto Angela quanto Regina se autodeclararam como pretas, assim como atribuíram às crianças esta heteroclassificação. Isso indica uma predisposição do grupo para recepção e interesse pela literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira.

A Angela (tia) afirmou que não possui momento de leitura com seus sobrinhos, contudo Regina (mãe) os realiza, fazendo uso de rodas de leitura. Isso auxiliou na compreensão de que seus filhos, participantes dessa pesquisa possuíam contato com a literatura, outro aspecto que facilitou e possibilitou a realização da pesquisa, pois as crianças estavam acostumadas a lerem.

Sobre as rodas com as crianças, percebe-se que elas – cada uma ao seu modo - foram participativas e receptivas durante a conversa conduzida com base nas perguntas elencadas e com foco nas ilustrações das obras selecionadas. Os mais velhos acompanharam a leitura pelo compartilhamento de tela, já a criança mais nova de dois anos optou pela exploração dos livros em formato físico e mostrou estar atenta à leitura sempre retornando para ver o livro.

---

<sup>8</sup> Informação obtida por meio de orientação realizada em 20 de outubro de 2020.

Por fim, na fase de transmutar foram elencadas marcas das frases das crianças a respeito das ilustrações. Assim, todas as vezes que encontramos no material falas delas sobre isso, marcamos, pois, como o objetivo principal deste trabalho de conclusão de curso é compreender o que as crianças dizem a respeito das ilustrações, estas falas eram os elementos-chave da análise de atribuição de sentidos. Traremos no item a seguir o que cada uma das crianças falou a respeito das ilustrações nas duas obras e nossa interpretação de sentidos.

## 4.2 ANÁLISES DAS RODAS

As análises estão divididas por crianças, começando pelo Homem Réptil de oito anos, Linda Princesinha de cinco anos, Linda Cry Babies de três anos e por fim o George Pig de dois anos, sendo que as análises são das falas obtidas sobre o que as crianças pensam a respeito das ilustrações do livro do Fábio Simões, “Olelê: uma antiga cantiga da África”, e do segundo livro, “Fuzarca”, da Sonia Rosa, necessariamente nessa ordem.

Em relação à roda de conversa e leitura sobre o livro “Olelê: uma antiga cantiga da África”, o Homem Réptil participou ativamente e foi possível observar que apesar de pertencer a uma família na qual os adultos se identificam como negros (ou pretos de acordo com o IBGE), ele não fez nenhuma relação entre si ou seus familiares com os personagens da história considerando a identidade racial.

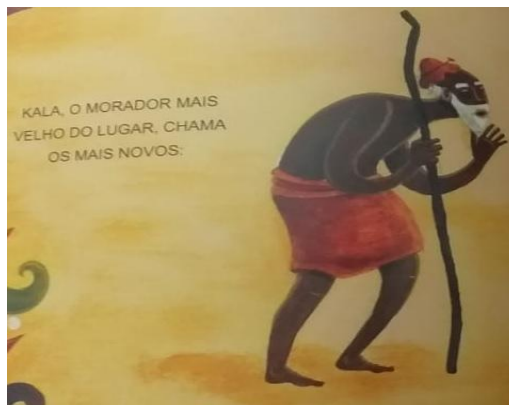
Perguntamos a ele se alguns dos personagens da história se parecia com alguém que ele conhecia e quem era essa pessoa, após muito observar ele disse que não se parecia com ninguém conhecido. Contudo, apesar de não ter se identificado racialmente com nenhum personagem ele demonstrou grande interesse em conhecer mais sobre a história e cultura do continente africano, visto que, segundo ele, sempre teve o desejo de aprender essa temática na escola, mas que isso não fora oportunizado a ele. Não é possível afirmar que ele não se autodeclare e não incluímos esta questão na nossa conversa, fato que percebemos somente no momento da análise. Poderíamos tê-lo provocado em relação ao tema, porém deixamos passar. Alerta para outras pesquisadoras que se interessarem pelo tema ser importante incluir na conversa como as crianças se autodeclaram, pedindo que digam qual é a cor delas.

Outro ponto interessante nas conversas com Homem Réptil foi ele apontar o Kala como o seu personagem favorito “porque ele é o líder da tribo” e por aparentar

ser sábio, pois conseguiu chamar todos pela música. A respeito do personagem Kala, Homem Réptil nos conta que: “Sua cor da pele é marrom, ele usa chapéu, um vestido havaiano e tem a função de chamar as pessoas”. Ele recorre à raça/cor de Kala para descrever sua característica física e também destaca a vestimenta e as habilidades de conhecimento.

O que nos chama a atenção é que Homem Réptil não tem repertório para reconhecer que o homem está vestindo roupas africanas. Ele usa o termo “havaiano” (que faz referência a pessoas do Havaí estado que faz parte dos Estados Unidos da América) para explicar como o Kala está vestido. Certamente, ele recorre às imagens difundidas por animações produzidas pela empresa Walt Disney, dentre outras, ou seja, o repertório da cultura africana e afro-brasileira é menos presente em seu imaginário. A seguir, apresentamos a imagem do livro ao qual Homem Réptil se referiu.

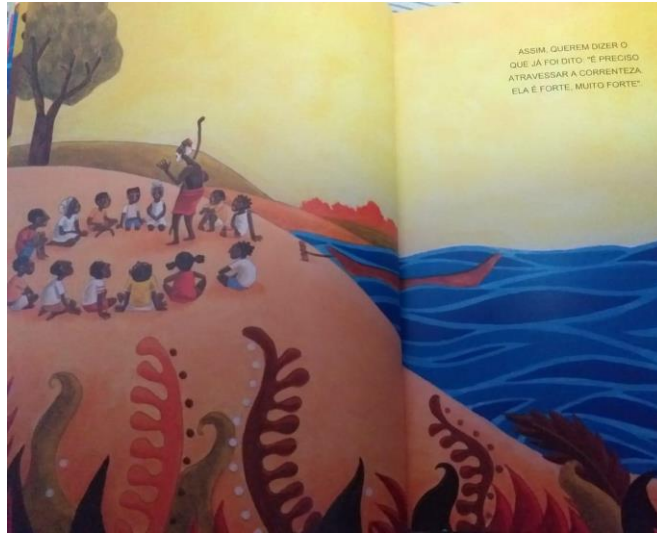
FIGURA 1- PERSONAGEM KALA



FONTE: Simões (2015)

Em relação às ilustrações do livro “Olelê: uma antiga cantiga da África”. Ele apreciou dizendo que são coloridas, mostram a natureza africana e isso chamou sua atenção, pois para ele: “Os desenhos são bons, eles têm muita cor e parecem com a África de verdade, tem muita planta, areia e o mar, parece mesmo a África. Eu nunca ouvi que o mar sobe tanto na África”.

FIGURA 2 – PLANTAS E AREIA



FONTE: Simões (2015)

Homem Réptil gosta das imagens que vê e elas parecem condizer com sua expectativa sobre o que imagina ser “África de verdade”. Ele realmente gostou do livro e como mencionado anteriormente nos informou que tinha interesse em conhecer algo referente à cultura africana e este livro foi seu primeiro contato. Além de falar com desenvoltura sobre as ilustrações, analisa a cor, os desenhos e se pergunta de forma crítica sobre o que há de real neles quando se trata do mar: “Eu nunca ouvi que o mar sobe tanto na África”.

O lamentável do seu depoimento é que Homem Réptil tem 8 anos, está regularmente matriculado e apenas neste momento e ainda fora da escola é que teve contato com uma história que trate de África. Tal fato nos indica o quanto falta para que de fato a Lei 10.639/03 faça parte de modo contundente do currículo de toda a educação básica. Para Dias (2014, p. 207):

[...] o pleno desenvolvimento da pessoa, no contexto de sociedades plurirraciais e multiculturais como a nossa, vincula-se à capacidade dos sistemas de ensino dialogarem, valorizarem e protegerem os marcos culturais formadores da nacionalidade, sem o que se compromete não o interesse de um ou outro grupo particular, mas a própria qualidade da educação.

Assim, o animador do seu relato é que ele demonstra muito interesse pelo continente africano e depois de seu contato com o livro, sua mãe informou que ele decidiu explorar a história e pesquisar sobre os elementos que a compõe.

Pereira (2018) em seu texto “Conversas literárias de temática africana e afro-brasileira: o blog como ferramenta integradora de mídias” (2018), reafirma a importância de as crianças terem acesso desde cedo aos livros de literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, pois de acordo com ela:

[...] abordar a literatura de temática africana e afro-brasileira só vem enriquecer ainda mais esta formação, propiciando às crianças a oportunidade de -desde a primeira infância- ter acesso à diversidade étnico-racial, aprendendo a respeitá-la e valorizá-la (PEREIRA, 2018, p. 04).

Sobre a segunda obra selecionada, “Fuzarca”, o Homem Réptil também foi participativo durante as conversas sobre o livro. Durante a conversa, foi possível observar o quanto ele se apropriou da palavra fuzarca e a usou várias vezes durante a conversa.

Quando indagamos sobre o que menos gostou na história, respondeu: “Gostei de tudo porque parece vida real, quando eu e a Linda Princesinha queremos fazer fuzarca tudo vira uma folia.” Utilizou a palavra mais uma vez, ao ser sondado sobre qual personagem gostou mais: “Gostei do Guido e da Iná, eles se parecem comigo e a Linda Princesinha, porque ficamos fazendo planinhos e uma grande fuzarca”. Ao ser perguntado sobre o que era fuzarca para ele, respondeu: “Fuzarca é bagunça se divertir, fazer bagunça, ficar juntos”.

É interessante observar que Homem Réptil não se identificou com personagens da obra anterior, apesar de dizer que seu personagem da obra “Olelê: uma antiga cantiga da África” era Kala, já com os personagens do livro “Fuzarca”, a identificação foi muito forte, ele fez várias referências a eles, disse que é como o Guido: “Eu acho que me pareço com o Guido e a Iná é a minha irmã Linda Princesinha porque fazemos as mesmas coisas, o George Pig, meu irmão de dois anos é o bebê e a Linda Cry Babies é a menina de coração no vestido”. O personagem assim como ele é um menino negro inteligente, alegre e que ama sua irmã. Ele não fez nenhuma referência a raça/cor do personagem, diferentemente da descrição de Kala, em que a cor foi destacada. Neste caso, ele destacou apenas as atitudes e a relação familiar,



mais uma vez a questão da ilustração como um disparador da identidade negra não ficou evidenciada nas falas de Homem Réptil. Porém, é perceptível a alegria dele em ter semelhanças entre a relação familiar dele com a do personagem.

O Homem Réptil enfatizou, várias vezes, que a relação entre os personagens Guido e Iná, que são irmãos gêmeos na obra da Sonia Rosa, é igual à que ele tem com sua irmã de cinco anos, a Linda Princesinha, pois ambos fazem bagunça, brincadeiras, ou seja, segundo ele fazem fuzarca.

FIGURA 3 - IMAGEM APONTADA PELA CRIANÇA PARA INDICAR OS IRMÃOS FAZENDO FUZARCA



FONTE: Rosa (2011)

Observa-se que o Homem Réptil associou os acontecimentos do livro com a vida real. Essa compreensão é fundamental para a construção de sua identidade, visto que essa percepção foi possível por meio de um livro de temática afro-brasileira, composto por imagens bem coloridas que mostram a alegria de uma família ao receberem os amigos em casa para tocar berimbau, atabaque, cavaquinho e praticar capoeira, ou seja, a ilustração juntamente com a escrita assumem um papel fundamental no processo de apropriação de uma história contada por um livro.

A respeito do sentimento de pertencimento ocasionado pela literatura voltada para as relações étnico- raciais Pereira (2019, p. 147) afirma que:

São crianças brancas que aprenderam a respeitar o outro por estarem em contato com a diversidade étnico-racial presente nos livros de literatura. São crianças negras que descobriram seu valor, se reconheceram nas histórias e elevaram sua autoestima e construíram um sentido de pertencimento.

A respeito da relação entre a escrita e a imagem, Ramos e Nunes (2013, p. 254) afirma que:

[...] mesmo que a ilustração seja proveniente da ótica do ilustrador, assim como a palavra é organizada pelo escritor, cada uma das linguagens tem uma função na construção discursiva, tentando estabelecer um vínculo com o leitor. Por isso, palavra e ilustração precisam acolher o leitor e permitir-lhe encontrar no texto uma brecha para dele fazer parte, interagir, interferir, exercendo o papel de leitor, aqui entendido como produtor de sentido.

Durante as conversas, o Homem Réptil relatou que na casa dele, os adultos também cantam e tocam música utilizando o violão, como na história, portanto compreendemos que por meio de sua vivência e da escrita e ilustrações de “Fuzarca” ele desenvolveu uma ligação entre si e a obra. Para Gilmaria Mariosa e Maria dos Reis (2011) a relação que o Homem Réptil fez com o livro acontece, visto que:

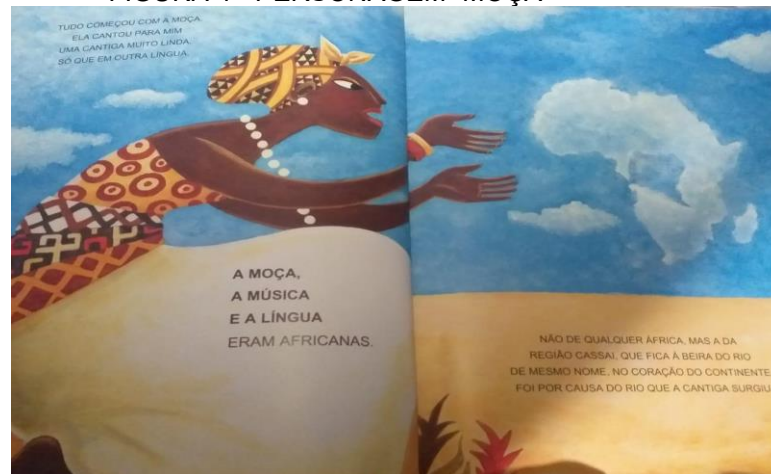
A construção da identidade da criança é algo que vai passar inevitavelmente pelos referenciais que forem a ela apresentados. Neste aspecto, destacamos principalmente, os brinquedos, os personagens de desenho animado e as histórias infantis. Há duas formas de as crianças entrarem em contato com estas histórias: uma é através da oralidade e a outra através dos livros (MARIOSA; REIS, 2011, p. 42).

Assim, seguimos para as questões que Linda Princesinha, de cinco anos nos trouxe. Sobre o livro “Olelê: uma antiga cantiga da África”, ela relacionou “Kala” como a avó da “Moana”, personagem de uma animação dos estúdios *Walt Disney*, a qual de acordo com o filme desempenha uma função semelhante ao “Kala”: ambas são os líderes de suas comunidades e são vistas como sujeitas portadoras de grande sabedoria, além de não serem brancas. Porém, como seu irmão o repertório de relações novamente mostra a ausência de referentes africanos.

Ela também identificou a mãe como sendo parecida com a personagem “moça” da história, isso pode ser observado no momento da conversa quando a indagamos sobre que personagem gostou mais. Ela disse: “Da mulher, porque se parece com a mamãe”.

Linda Princesinha voltou-se algumas vezes para a página do livro em que se encontrava a personagem “moça”. Ela nos relatou que a achava bonita, assim como a mãe dela e por isso era essa a sua personagem favorita. Além disso, ela também identificou uma criança no livro como sendo parecida com sua irmã mais nova.

FIGURA 4 - PERSONAGEM “MOÇA”



FONTE: SIMÕES (2015)

Linda Princesinha, na sua leitura, estabeleceu correlação entre os personagens dos livros e sua família. A ilustração com personagens negras lhe possibilitou encontrar-se com sua própria vida na história, ou seja, as ilustrações ajudam as crianças a estabelecerem essas correlações e ela pode encontrar na ilustração uma mulher que se parecia com sua mãe e isso chamou sua atenção. Instigar o imaginário das crianças e ampliar seu repertório é parte deste processo e a literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira cumpre este importante papel. Em relação a este acontecimento, Simão (2013, p.25) afirma que:

Através dos livros infantis torna-se possível alimentar o imaginário, e de tal forma, contribui para reflexões que a cada dia começam a fazer parte do cotidiano social, familiar e individual de cada criança, é desta forma que as interpretações acerca das questões afetivas, artísticas e tantas outras.

Ao comentar sobre o livro “Fuzarca” a Linda Princesinha, destacou que era parecida com a personagem Iná e que seu irmão mais velho, o Homem Réptil, era o Guido, pois ambos eram unidos, assim como os personagens, e faziam planos para se divertirem juntos. Com isso, percebe-se que tanto a Linda Princesinha quanto seu irmão Homem Réptil, reconheceram que os personagens gêmeos da história “Fuzarca” são semelhantes a eles em sua relação, mostrando que por meio das ilustrações, as crianças foram capazes de se sentirem representadas ao conseguir estabelecer um panorama entre a literatura e realidade. De acordo com ela: “Eu me

pareço com a Iná, porque ela faz planinhos com o seu irmão igual, eu faço com o Homem Réptil e a gente faz bagunça e se a gente não tivesse beliche a gente iria dormir igual a eles”.

Nessa fala, fica evidente que a menina se refere à ilustração abaixo, em que os irmãos aparecem dormindo na mesma cama.

FIGURA 5 – PERSONAGENS GUI E INÁ DORMINDO JUNTOS



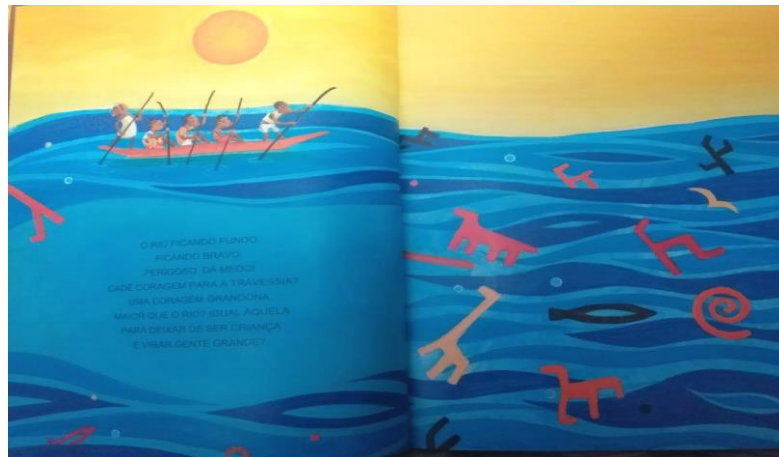
FONTE: Rosa (2011)

Na conversa sobre o livro “Olelê: uma antiga cantiga da África”, Linda Cry Babies de três anos, quando conversamos sobre os personagens da história e se algum deles se parecia com alguém que conhecia, me respondeu apontando no livro que os personagens se pareciam com ela e que todos eram bonitos.

No decorrer da conversa, apontou várias vezes que gostava de ver as crianças na água, isso pode ser notado nas suas falas e pelo fato de voltar algumas vezes para as páginas onde era possível ver os personagens brincando com água.

Ela também me relatou isso em palavras, ao ser indagada se havia gostado da história: “Gostei, porque as crianças vão na água.” Depois, reforçou do que mais gostou, dizendo que era: “Das crianças na água.”

FIGURA 6 – TRAVESSIA DO RIO CASSAI



FONTE: Simões (2015)

Linda Cry Babies se apropriou da relação que as crianças da história possuíam com o rio. Ela ainda não tem o domínio da leitura e foi por meio do ouvir a história e acompanhar as imagens identificava os momentos que as personagens realizavam a travessia e por meio de suas falas percebemos que esse acontecimento chamou sua atenção fazendo com que explorasse as páginas referentes a este fato proporcionado pela obra, sendo também o foco principal da história.

Para Simão (2013, p.30) a relação entre a criança e a imagem ocorre da seguinte forma.

A imagem pode ser entendida como a primeira forma de leitura desenvolvida no indivíduo, ainda enquanto criança, e que permanece no mesmo durante toda a sua vida, portanto trata-se, naturalmente, uma das primeiras manifestadas na criança, pois a imagem é uma representação semiconcreta, mais direta que o código verbal escrito, se apresenta de forma abstrata, essa representação visual na Literatura Infantil tem como entendimento uma fértil interpretação que revela a imaginação.

Na segunda roda, referente à obra de Sonia Rosa, “Fuzarca”, Linda Cry Babies, vivenciou o momento de leitura com seu irmão George Pig, de dois anos, ambos foram acompanhados por sua tia e pela mãe, porém a conversa com eles foi feita separada.

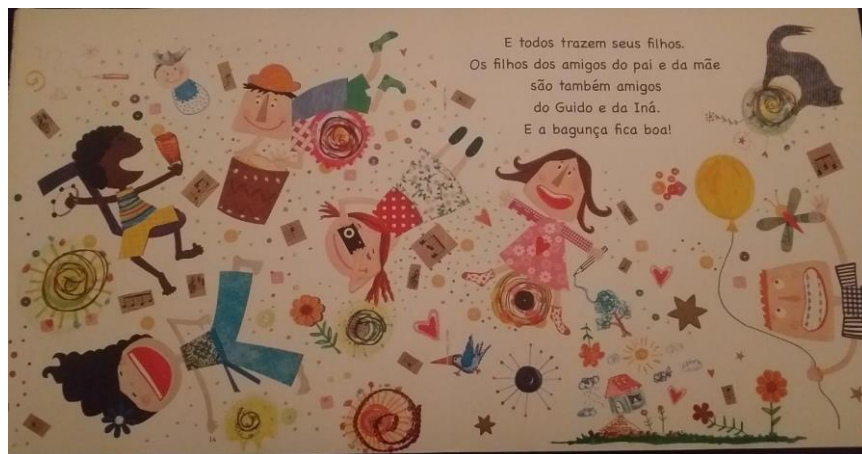
Em um primeiro momento, foi possível observar que Linda Cry Babies encantou-se com a primeira história, pois conversou mais sobre ela e manteve-se

mais atenta durante a leitura, todavia sobre o segundo livro, ela relatou que identificava a si e os seus irmãos nos personagens.

Ao ser instigada se havia personagens que se pareciam com ela no livro, apontou para uma imagem em que havia várias personagens crianças e me disse que ela se parecia com uma menina de vestido com coração, pois a menina era bonita, continuou dizendo que a sua irmã, Linda Princesinha, se parecia com a Iná, seu irmão Homem Réptil era parecido com o personagem Guido e o seu irmão George Pig era o bebê dessa mesma ilustração, conforme nos mostra a ilustração abaixo.

FIGURA 7 - CRIANÇAS

FONTE: Rosa (2011)



Linda Cry Babies, de apenas três anos, por meio de suas falas nos possibilita entender o quão é importante propiciar esses momentos de leitura e como crianças pequenas são capazes de perceber os elementos das histórias e como elas se identificam e fazem relação com suas vidas. Uma como a de Sonia Rosa, que gira em torno da cultura afro-brasileira, trazendo pessoas de diferentes grupos raciais, contando uma história presente no cotidiano das crianças lhes possibilita pensar a si mesmas. Também, como as conversas com as crianças estão nos apresentando elas fazem inferências, correlações e sim, se identificam com os elementos das histórias sendo a ilustração uma importante fonte de identidade, mesmo que elas não explicitem sempre a raça/cor ao tratarem dos personagens elas pensam sobre eles, o que fazem, quem são, e fazem a conexão com as próprias experiências e desejos. Constata-se que abordar essa temática amplia o repertório cultural dos leitores em

formação, mas para isso é preciso fazer com que seja mais acessível para as crianças uma literatura representativa e de qualidade.

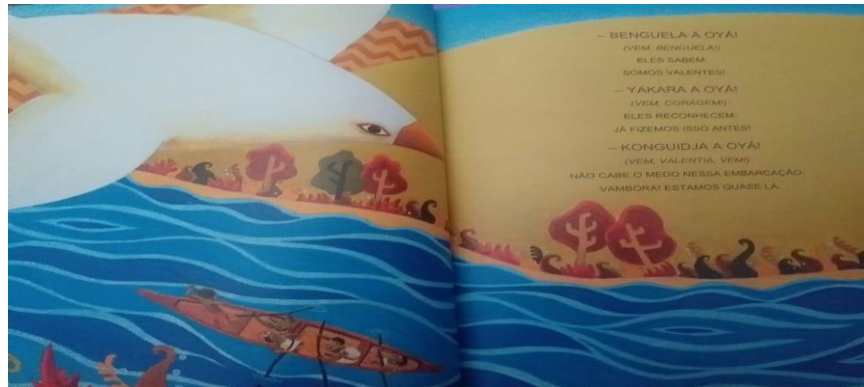
Sobre a importância do acesso à literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira Pereira (2019, p 145) enfatiza que:

Para que as crianças interajam com narrativas de temática da cultura africana e afro-brasileira é necessário que elas tenham acesso a essa literatura. Além do silenciamento dos personagens negros nos livros encontrados, o que nos impactou foi o fato de ainda encontrarmos no acervo obras que em nada contribuí com uma interação positiva entre a criança negra e o livro.

A última roda sobre a história, “Olelê: uma antiga cantiga da África”, ocorreu com o George Pig de dois anos. Ele conversou conosco mostrando que as crianças bem pequenas também têm direito à participação e são tão protagonistas quanto as maiores. Muitas vezes, a dificuldade em ouvi-las e respeitá-las enquanto atores sociais é nossa.

Aqui, a participação de sua mãe e tia o ajudou no momento de exploração do livro e da observação das imagens. Ele apontou que o pássaro foi seu personagem favorito, citando-o inúmeras vezes. Ao ser indagado se havia gostado da história, acenou com a cabeça que sim e disse: “Tem piu piu”. Perguntei do que mais havia gostado e ele respondeu: “Piu piu!”. fazia isso, apontando para o pássaro inúmeras vezes. Essa ilustração nos mostra o pássaro em destaque e foi o que chamou a atenção da criança.

FIGURA 8 – PÁSSARO (PIU-PIU)



FONTE: Simões (2015)

Proporcionar a exploração das imagens para a criança é essencial para sua formação como leitor, pois elas assumem o papel de transportar os sujeitos para a história que está sendo contada. Durante a leitura com o George Pig, ele levantou algumas vezes e saiu da frente do computador. No entanto, as ilustrações apresentadas o despertaram para se aproximar do livro e quando se deparou com a imagem de um grande pássaro aconteceu um encantamento pela obra, fazendo com que fosse até ela e explorasse mais e assim conseguiu se envolver com a leitura. Sobre as ilustrações Myllena Nunes e Priscila Gomes (2014, p.02) decorrem:

[...] as ilustrações funcionam como elemento enriquecedor das obras, sendo um aspecto visual que tanto atrai as crianças pela sua beleza quanto ajuda a contar a história, não devendo, portanto, ser menosprezadas pelos mediadores de leitura. Ao contrário, o entendimento de que a leitura não está presa apenas às palavras, mas que é um processo de compreensão abrangente destas e das imagens, leva a ressaltar a necessidade e a importância da formação, desde cedo, de leitores de imagens.

George Pig também apontou os personagens como sendo semelhantes aos seus familiares, pois ao ser indagado se algum dos personagens da história se parecia com alguém que ele conhecia, ele apontou para uma imagem do livro onde havia crianças e foi fazendo referência aos familiares: tia, mãe, pai e irmãos.



FIGURA 9 – CRIANÇAS APÓS A TRAVESSIA DO RIO (IMAGEM APONTADA PELA CRIANÇA)



FONTE: Simões (2015)

Essa fala pelo gesto de Georg Pig, ao apontar nas ilustrações as pessoas ali presentes, dizendo que eram seus irmãos, pais, tia e avó e na medida em que mudava as páginas e avistava um personagem, dizia que era alguém de sua família, foi muito rica e novamente indica que independentemente da idade da criança a possibilidade que a ilustração traz é de reconhecimento de si e do outro, especialmente neste caso, da sua família. Com isso, compreendemos que a literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira é primordial para a promoção da representatividade desde o início da infância.

Na segunda obra, “Fuzarca”, apresentada para o George Pig na conversa, como sua irmã de três anos (Linda Cry Babies, ele também respondeu que os personagens eram parecidos com sua família: irmãos, mãe e pai). Ele nos contou que ele se parecia com o personagem que estava segurando um balão amarelo no livro e com o Guido.

FIGURA 10 – PERSONAGEM MENINO COM UM BALÃO AMARELO



FONTE: Rosa (2011)

Por intermédio das rodas, constata-se que as crianças participantes demonstraram interesse pelo livro: “Olelê: uma antiga cantiga da África, pois de acordo com seus relatos foi possível observar que a música presente na história e que foi cantada pela pesquisadora ao longo da leitura, os encantou ao ponto da mãe buscar por ela na *internet*. Outro elemento que chamou a atenção das crianças foram as imagens referentes à natureza. Elas comentaram que gostaram do céu azul, das águas, do pássaro e dos elementos da natureza presentes na história e também concordaram que as imagens eram bonitas por serem coloridas.

Já no livro “Fuzarca”, o George Pig, de dois anos, a Linda Cry Babies, de três anos e seus irmãos mais velhos, se identificou com os personagens da história. Linda Princesinha (cinco anos) e o Homem Réptil (oito anos) se encantaram com a relação de Guido e Iná, relataram inúmeras vezes como eram iguais aos personagens, pois brincavam e dormiam juntos e ainda faziam “planinhos”.

Esse acontecimento é interessante, visto que na primeira obra “Olelê: uma antiga cantiga da África” esse sentimento de identificação não é tão enfatizado pelas crianças e talvez isso se dê pelo fato de que esse livro narra uma história de uma cultura diferente das crianças participantes desta pesquisa, ela situada em África. Seria interessante uma pesquisa a respeito para investigar se há uma tendência maior de identificação com livros de temática da cultura afro-brasileira ou que tenha personagens negros e que tratam de ações do cotidiano das crianças. Embora elas tenham gostado do livro, da musicalidade e mostrado bastante interesse em conhecer

o continente. O que nos sugere que é necessário ter focos e temas diversos dentre os livros de temática da cultura africana e afro-brasileira.

As crianças se sentem representadas ao verem outras crianças como elas como protagonistas das histórias, tal qual acontece com os personagens Guido e Iná, gerando identificação nos pequenos leitores.

Portanto percebe-se que ambas as obras tiveram impactos diferentes entre as crianças, “Olelê: uma antiga cantiga da África”, causou um sentimento de novidade, pois trata-se de uma história que evidencia a cultura de um povo africano com alguns costumes diferentes do nosso e que trouxe para a criança mais velha o anseio de conhecer mais sobre a África, fez as crianças dançarem e cantarem por dias a música trazida pelo autor Fábio Simões e as imagens das crianças fazendo a travessia do rio Cassai os cativaram. Já no livro “Fuzarca”, as crianças se identificaram com a relação dos irmãos Guido e Iná e os instrumentos musicais de origem africana prenderam a atenção no momento de contação. Apesar de serem obras distintas, as ilustrações colaboraram para que as crianças compreendessem o enredo de cada uma e percebessem a si e seus familiares nelas.

Debus (2017) enfatiza a respeito da construção da identidade, afirmando que nos é imposto de modo geral um modelo branco europeu, o qual impera e dissemina a ideia de um povo único, homogêneo, com uma única cultura. Sendo assim, trazer um único personagem negro em um livro de literatura para as crianças não assegura que a possibilidade de identificação esteja garantida, é preciso quantidade e qualidade. O contato variado, permanente e contínuo com livros que tragam personagens negros de diferentes idades, gostos, em uma multiplicidade de lugares e ações, é necessário. Pois assim propiciaremos às crianças negras a chance de se identificar e não apenas a partir de um único jeito de ser criança negra e às crianças brancas também compreender as muitas existências das infâncias negras.

Com essas reflexões, concluímos que é preciso proporcionar às crianças uma literatura infantil que seja voltada para a diversidade étnico-racial com o intuito de auxiliar no processo de construção da identidade, visto que a atitude do George Pig de reconhecer a sua família, na qual todos são negros, nos personagens de uma história que valoriza a cultura africana e afro-brasileira, mostra que esse investimento é necessário para a formação de leitores e leitoras que possam por meio dos livros se sentirem representados.

## 5. E ASSIM, NOSSA HISTÓRIA CHEGA AO FIM

Com a frase “e assim, nossa história chega ao fim” as crianças sabiam que se encerrava a roda de leitura e partíamos para a de conversa. A pesquisa nos ensinou que cada criança é única em sua forma de se expressar, mas todas foram participativas. A sensação era de que uma fala complementava a outra, sempre havia algo que passou despercebido aos olhos de uma, contudo foi apontado por outra. Por isso, rever as gravações para realizar a análise se tornou algo empolgante e fundamental, pois era possível perceber as diferentes falas e relações estabelecidas entre as crianças e os livros selecionados.

A cada encontro, o vínculo com a família participante dessa pesquisa aumentava. Após a realização da pesquisa, recebi alguns vídeos deles me desejando parabéns no dia do aniversário ou pedindo para contar uma nova história. Também pudemos acompanhar a gestação da Regina, mãe das crianças, que deu a luz a um menino no mês de outubro. Todos estavam ansiosos com a chegada do bebê, um dia antes de ir para o parto a Regina me mandou uma foto das crianças pintando sua barriga com tinta para representar o carinho que elas estavam sentindo com a chegada do novo irmão.

Era nítido o afeto, o acolhimento e o amor presentes naquele lar. Eu e minhas orientadoras fomos bem-vindas, Regina (mãe) e a Angela (tia) foram solícitas e flexíveis quanto aos horários que eram realizadas as rodas de leitura e de conversas. A ajuda delas foi primordial no acompanhamento das crianças durante todo o processo.

O maior desafio da pesquisa foi realizar as rodas de conversas e leituras por videochamadas, visto que com a pandemia não conseguimos fazer esses momentos presencialmente, pois o mais importante era garantir a segurança da família e de todos/as. Nossa decisão estava cercada de dúvidas se a metodologia possibilitaria responder nosso problema de pesquisa e sabemos que se fosse presencial poderíamos ter obtido outros resultados. No entanto, terminamos este TCC com uma sensação boa de estar perseguindo um tema importante e trazendo novos aportes para a continuidade destas reflexões acerca de ouvir crianças sobre ilustrações de livros de temática da cultura africana e afro-brasileira. Sabemos que foi ousado de nossa parte ouvir crianças de diferentes idades, sobre tema tão novo e em tempos de

pandemia, por videoconferência e, seguramente, só a vontade de dar conta da tarefa nos permitiu ousar.

A insegurança de que talvez as crianças pudessem não querer participar das rodas sobre as obras e suas ilustrações, diminuía no decorrer da pesquisa, pois me sentia mais próxima da família, sempre perguntava se estavam bem, se queriam participar, se gostariam de ouvir uma história, expliquei que era uma pesquisadora e tinha o desejo de saber o que as crianças achavam sobre as imagens e a história de dois livros que se me permitissem iria ler para eles. Combinamos que se não soubessem ou não quisessem responder algo não precisavam, pois não havia respostas certas ou erradas e, juntos, seríamos pesquisadores.

A respeito da relação entre pesquisador e as crianças Coutinho (2016) afirma que:

[...] a reflexividade se coloca como fundamental para assegurar o lugar legítimo das crianças enquanto partícipes da pesquisa, pois ao mesmo tempo em que o adulto é parte do contexto e, portanto, muitas vezes se põe na relação com as crianças como o mais experiente, o que é comum em uma relação intergeracional, mas no contexto da pesquisa com crianças ele deve reconhecer o seu lugar de quem, ao observar as crianças, busca apreender a sua disponibilidade para a pesquisa e as suas realidades de vida (COUTINHO, p. 766).

Essa proximidade estabelecida com a família acabou por proporcionar um ambiente favorável à fala e à escuta das crianças. Eu os presenteie com o livro “Olelê: uma antiga cantiga da África” e quando fiz o anunciado por videochamada eles ficaram felizes e me agradeceram. Tanto a mãe quanto a tia me revelaram que agora é “Olelê” pra cá e pra lá.

A relação que essas crianças adquiriram com as duas obras escolhidas para o estudo, nos revelam que as ilustrações foram importantíssimas para a apropriação das histórias narradas e estava presente o tempo todo na conversa sobre os livros.

As crianças interagem com os livros de temática da cultura africana e afro-brasileira e ficam atentas às ilustrações. Lhes chamam a atenção as cores, destacando que gostam das imagens coloridas, pensam sobre a coerência das imagens. Observam nos personagens cor de pele, roupas e atitudes. Se identificam com os personagens, especialmente, aqueles que dialogam com o cotidiano infantil e tem comportamentos próximos aos seus ou nos personagens que podem ter

correlação com pessoas que conheçam: pai, mãe, irmãos e irmãs. As crianças se sentem representadas ao verem outras crianças como elas como protagonistas nas histórias.

A identificação das crianças com personagens varia, a percepção de cor está presente, mas nem sempre é a primeira relatada pela criança, ainda que não explicitem sempre a raça/cor ao tratarem dos personagens elas pensam sobre eles, o que fazem, quem são e fazem a conexão com as próprias experiências e desejos. Independentemente da idade da criança a possibilidade que a ilustração traz é de reconhecimento de si e do outro, especialmente, da família. Há distinção entre meninos e meninas em relação à identificação. Meninos tendem a observar as atitudes dos personagens e meninas observam outros detalhes como roupas e objetos.

Esta pesquisa aponta a necessidade de investigar se as crianças têm inclinação a identificarem-se de modo mais positivo com livros de temática da cultura afro-brasileira que tenham personagens negros em ações do cotidiano infantil.

O contato variado, permanente e contínuo com livros que tragam personagens negros de diferentes idades, gostos, em uma multiplicidade de lugares e ações é o recomendado. Pois assim propicia-se às crianças negras que tenham oportunidade de se identificar na variedade.

Por fim, eu que sempre almejei ser a personagem principal de um conto ou talvez dois e, quando criança, nunca consegui, hoje me sinto acalentada em ter proporcionado a essas crianças o encantamento com duas obras que promovem a diversidade étnico-racial tão lindamente, por meio de ilustrações repletas de cores, as quais conseguiram transmitir a alegria, coragem, beleza, superação, afeto e amor e assim espero que a literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira nunca tenha um fim e circule cada vez mais, ficando acessível a todas as crianças.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. OLIVEIRA, Fabiana de. **As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes**. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2012, p. 194-220. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos\\_pedagogicos/ednf\\_igualdade.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_pedagogicos/ednf_igualdade.pdf).

AGUIAR, Laura. **O poder das imagens**. 10 de setembro de 2011. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2011/09/10/o-poder-das-imagens/>. Acesso em: 17 março de 2020.

ARAUJO, Débora Cristina de. **Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil**. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, 2010. Disponível em: <[http://www.ppge.ufpr.br/teses/M10\\_araujo.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/teses/M10_araujo.pdf)>. Acesso em: 20 fev. de 2020.

ARENA, Dagoberto Buim. LOPES, Naiane Rufino. PNBE 2010: Personagens negros como protagonistas. **Educação & Realidade**, vol.38, no.4, Porto Alegre out./dez. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362013000400008&lng=en&tling=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362013000400008&lng=en&tling=en). Acesso em 05 março de 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003a, p. 01. ([http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm)). Acesso em: 19 nov. de 2020.

CARELLI, Deise. AQUINO, Layla Martins de. O livro infantil: a percepção por trás das ilustrações. **Directory of Open Access Journals**, 2013, p. 51-62. Disponível em: <https://doaj.org/article/c0202b205b174107aef2385cb502921>. Acesso em: 10 março de 2020.

CAVICCHIOLI, Marina. Livro Ilustrado: Palavras e Imagens. **Directory of Open Access Journals**, 2015, p. 711-717. Disponível em: <https://doaj.org/article/fe2c43619f874c6fb4e9ff699cce15a6>. Acesso em 11 março de 2020.

CORSINO, Patrícia. **Educação Infantil: cotidiano e políticas** (org.). Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. Os novos estudos sociais da infância e a pesquisa com crianças bem pequenas. **Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 762-773. set./dez. 2016.

Dias, Lucimar Rosa. (2014). Educação infantil e a diversidade étnico-racial: experiências de formação e seus desafios. **Olhares: Revista Do Departamento De Educação Da Unifesp**, 2(2), 203-226. <https://doi.org/10.34024/olhares.2014.v2.242>.

\_\_\_\_\_. **Representatividade**. 2020. Notas de orientação.

\_\_\_\_\_. **Metodologia de Análise de Conteúdo: atribuição de Sentido**, 2020. Notas de orientação.

DEBUS, Eliane. **A temática da Cultura Africana e Afro Brasileira na Literatura para Crianças e Jovens**. Florianópolis- SC: Cortez Editora, 2017.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista** [online]. 2004, n.24, pp.213-225. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>. Acesso em: 19 nov. de 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em 14 abril de 2020.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 05 maio de 2020.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: Análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1.pdf> Acesso em: 18 fev. de 2020.

GUILHERME, Denise. **Curso online e gratuito: Como fazer rodas de leitura online com as crianças?**. A Taba leitura em rede, 15 de abril de 2020. Disponível em: <https://blog.ataba.com.br/como-fazer-rodas-de-leitura-online/>. Acesso em 20 de maio de 2020.



JORNADAS LATINO-AMERICANAS DE LINGUAGENS E CULTURA, II, 2017, Foz do Iguaçu. **Anais**: FERREIRA, Sandra de Oliveira. A representação da personagem negra na literatura infantil juvenil latino-americana. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/2054>. Acesso em: 08 março de 2020.

LUZ, Mônica Abud Perez De Cerqueira. **Representações dos personagens negros e negras na literatura infantil brasileira**. 128 f. Tese (doutorado). Universidade Nove de Julho-UNINOVE, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/1737#preview-link0>. Acesso em 07/03/20.

MASSONI, Luis Fernando Herbert. Ilustrações em livros infantis: alguns apontamentos. **DAPesquisa**, 7(9), 121-129. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/13951>. Acesso em 16 março de 2020.

MARIOSIA, Gilmara Santos, DOS REIS, Maria da Glória. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Estação Literária**, Londrina, Vagão - volume 8, parte A, p. 42-53, dez. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8AArt06.pdf>. Acessado em 15 maio de 2020.

NASCIMENTO, Sergio Luis do. Ilustração de personagens negros e brancos em livros didáticos de Ensino Religioso do ensino fundamental. **Directory of Open Access Journals**, 2010, p. 417-433. Disponível em: <https://doaj.org/article/1edf13029cca46b19e34c69e2ad904e3>. Acesso em 07 março de 2020.

NUNES, Myllena Rodrigues. GOMES, Priscila. A importância das ilustrações na literatura infantil e a necessidade de formação de leitores de imagens. **Anais V ENLIJE...** Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/5802>>. Acesso em: 19/11/2020.

PACHECO, Maria Clara de Oliveira. **Processo criativo do livro ilustrado A Galinha Branca**. 140 f. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

PASCOLATI, Sonia. Ilustração na literatura infantil. **Acta Scientiarum Language and Culture**, 2017, 39(3), 245-253. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/35642>. Acesso em 12 março de 2020.

PEREIRA, Sara da Silva. **A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, com a palavra as crianças: “eu sou peta, tenho cacho, so linda, ó!”**. 206 f. Dissertação (mestrado em educação). Universidade Federal do Paraná, 2019. Disponível em:

<https://www.prppg.ufpr.br/signa/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=57245&idpograma=40001016001P0&anobase=2019&idtc=1480>. Acesso em 20 fev. de 2020.

\_\_\_\_\_. **Conversas literárias de temática africana e afro-brasileira: o blog como ferramenta integradora de mídias**. Monografia Especialização Digital (Universidade Federal do Paraná). Coleções Mídias integradas na educação, 32 f., 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/56725/R%20-%20E%20-%20SARA%20DA%20SILVA%20PEREIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 18 fev. de 2020.

RAMOS, Flávia Brocchetto. NUNES, Marília Forgearini. Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil no processo de leitura. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 48, p. 251-263, abr./jun. 2013. Editora UFPR. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602013000200015&lng=en&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000200015&lng=en&tlng=en). Acesso em: 10 março de 2020.

ROSA, Sonia. **Fuzarca**. PAIVA, Tatiana (Ilustrações). São Paulo: Brinque-Book, 2011.

SANTOS, Lucas Santiago dos. NETO, Luiz Caldeira Brant de Tolentino. De que forma pessoas negras têm sido representadas em livros didáticos de Ciências utilizados em escolas públicas de Santa Maria-RS?. **Directory of Open Access Journals**, 2018. Disponível em: <https://doaj.org/article/ebfa48cda6e745038f2ebbb6ad4b667e>. Acesso em 05 março de 2020.

SILVA, Luciana Cunha. SILVA, Katia Gomes. (2011). O negro na literatura infanto-juvenil. **Revista Thema**, 8(2). Recuperado de <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/106>. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/106/54>. Acesso em 07 março de 2020.

SILVA, Lucilene Costa e. **Meninas negras na literatura infanto-juvenil: escritoras negras contam outra história**. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, 2012. Acesso em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11114/1/2012\\_LucileneCostaeSilva.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11114/1/2012_LucileneCostaeSilva.pdf). Acesso em: 12 nov. de 2020.

SILVA, Santuza Amorim da. FREITAS, Daniela Amaral Silva. Representações dos negros na literatura infantil e juvenil. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, 21(3): 311-322, set./dez., 2016. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/3452/2364>. Acesso em: 09 março de 2020.

SILVA, Sara Raquel Duarte Reis da. A escrita e a ilustração para a infância de Leonor Praça: um exemplo do que as imagens podem fazer. **Directory of Open Access Journals**, 2017. Disponível em:

<https://doaj.org/article/1d8171c782ef4addac513d0d67f51555>. Acesso em: 10 março de 2020.

SIMÃO, Erijane da Silva. **As ilustrações nos livros de literatura infantil**: uma análise da menina do laço de fita de Ana Maria Machado. Monografia (Graduação em Pedagogia). 44 f. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4023/1/ESS30102013.pdf>. Acesso em 17 março de 2020.

SIMM, Verônica. BONIN, Iara Tatiana. Imagens da vida indígena: uma análise de ilustrações em livros de literatura infantil contemporânea. **Revista Historiador Número 04**. Ano 04. Dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador/quatro/veronicas.pdf>. Acesso em 15 março de 2020.

SIMÕES, Fábio. **Olelé**. PIRILLO, Marília (Ilustrações). São Paulo: Melhoramentos, 2015.

SPENGLER, Maria Laura Pozzobon. DEBUS, Eliane Santana Dias. Personagens negras nos livros de imagens do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) para a Educação Infantil. **Roteiro**, v. 44, n. 1, p. 1-20, 19 fev. 2019. Disponível em: <https://doaj.org/article/7fa3789047fa415f8587d3157f6bbdb2?frbrVersion=2>. Acesso em 05 março de 2020.

SOUSA, Andréia Lisboa. Personagens negros na literatura infanto-juvenil: rompendo estereótipos. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SOUZA, Mariana Silva. **Ilustração de personagens negras na Literatura Infantil**: Um olhar sobre as produções de Josias Marinho. Trabalho de Conclusão de Curso (Departamento de Artes Visuais). 93 f. Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

TRINDADE, Alice Cristina Carvalho da. **Literatura Infantil Negra**: debatendo a cor do silêncio por meio da ilustração de personagens meninos. Monografia (Graduação). 61 f. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Curso de Pedagogia, 2019. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/10443>. Acesso em: 09 março de 2020.

UTALKI. **Aprender Lingala**. Disponível em: <https://utalk.com/pt-br/store/lingala>. Acesso em: 19 nov. de 2020.

VENÂNCIO, Ana Carolina Lopes. **Literatura Infanto-Juvenil e Diversidade**. Dissertação (Mestrado em Educação). 228 f. Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2009. Disponível em: [http://www.ppge.ufpr.br/teses/M09\\_venancio2.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/teses/M09_venancio2.pdf). Acesso em: 17 fev. de 2020.

ZIMMERMANN, Anelise. FREITAS, Neli Klix. **A ilustração de livros infantis** – uma retrospectiva histórica. **Directory of Open Access Journals**, p. 3030-337, 2019. Disponível em: <https://doaj.org/article/e14f772f169b469c8a22fee64afa0ad5>. Acesso em 10 março de 2020.

ZIMMERMANN, Anelise. Explorando as ilustrações de livros infantis: suas possíveis leituras'. In: **GRUPO DE PESQUISA ARTE E EDUCAÇÃO (GPAE)**. Florianópolis: Udesc, [s.d]. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/acervo-para-aprofundar/333/explorando-as-ilustracoes-de-livros-infantis-suas-possiveis-leituras.html>. Acesso em: 15 março de 2020.

## APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO**

Nós, Lucimar Rosa Dias, professora doutora da UFPR, Sara da Silva Pereira, professora de educação básica pela Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais e Gabriela Aparecida da Silva, aluna da graduação em Pedagogia, queremos solicitar aos responsáveis pelas crianças: Homem Réptil, Linda Princesinha, Linda Cry Babies e George Pig (nomes fictícios escolhidos pelas crianças para preservar suas identidades, mas nos termos assinados pela família se encontram os verdadeiros nomes), autorização para que elas participem da pesquisa intitulada “**LITERATURA DE TEMÁTICA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: O QUE AS CRIANÇAS PENSAM A RESPEITO DAS ILUSTRAÇÕES?**”. Este estudo busca compreender como as crianças pequenas opinam sobre ilustrações de livros de literatura infantil que tematiza a cultura africana e afro-brasileira e quais são as suas reações e sentimentos ao interagirem com as ilustrações apresentadas nesses livros, especialmente em relação às personagens negras. A pesquisa pretende analisar a função que as ilustrações desempenham nas obras literárias que abordam essa temática. Trata-se de uma pesquisa para obtenção do título de graduada em Pedagogia graduação. Pedimos que você leia com atenção a proposta de participação e, ao final, assine se estiver de acordo.

Agradecemos a sua colaboração!

- A) O objetivo desta pesquisa é analisar como as crianças pequenas opinam sobre as ilustrações de livros de literatura infantil que tematizam a cultura africana e afro-brasileira.
- B) Caso a criança sob sua responsabilidade participe da pesquisa, ela estará envolvida de forma direta, uma vez que, participará de rodas de leitura e de conversa, discussões, entrevistas e produção de atividades a respeito das leituras e contações de histórias sobre a temática supracitada que serão propostas pelas pesquisadoras.
- C) Para tanto, as crianças participarão de encontros virtuais, nos quais serão apresentadas as obras de temática africana e afro-brasileira por meio de compartilhamento de tela, quando terão acesso aos livros que também será disponibilizado em formato físico possam apreciar as imagens de forma mais direta. As videochamadas serão gravadas com o intuito de armazenar as falas das crianças que servirão de análise para a pesquisa.

D) A pesquisa não apresenta riscos. No entanto, sempre deve-se levar em consideração que durante o processo de contação, leitura ou conversa com as crianças elas podem, eventualmente, não se interessar por continuar sua participação na atividade, o que será respeitado.

E) Os benefícios esperados com o desenvolvimento dessa pesquisa estão pautados na perspectiva de que este estudo sirva de subsídio teórico e bibliográfico para outras pesquisas sejam desenvolvidas nesta área de conhecimento, bem como, possa contribuir para a melhoria do material de leitura oferecido às crianças desta faixa etária, através da inclusão de livros que apresentam personagens negros, sendo assim os benefícios são mais difusos que diretos, mas poderão contribuir para o avanço científico e melhoria das práticas pedagógicas.

F) As pesquisadoras Lucimar Rosa Dias e Sara da Silva Pereira, orientadoras desta pesquisa poderão ser localizadas pelos telefones (41) 99764-4713, (41) 9 8846-7318 nos e-mails: sarabrownsummer@gmail.com e/ou lucimardias1966@gmail.com, ou ainda, com Gabriela Aparecida da Silva, por meio do número (41) 995423-0391 ou pelo e-mail: gabriela.7silva@gmail, para esclarecer eventuais dúvidas que os senhores responsáveis possam ter e fornecer-lhe as informações que queiram, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

G) A participação da criança sob sua responsabilidade neste estudo é voluntária e se o(a) senhor(a) não quiser mais que ele(a) faça parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

H) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas, isto é, Lucimar Rosa Dias – orientadora da pesquisa e Sara da Silva Pereira, coorientadora. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a **identidade da criança sob sua responsabilidade seja preservada e mantida sua confidencialidade.**

I) O material obtido – entrevista, transcrição de falas da criança, imagens e textos será utilizado unicamente para essa pesquisa e será devidamente destruído/descartado, ao término do estudo, ou seja, até a apresentação dos resultados.

J) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e o(a) senhor(a) não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

K) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

Eu, \_\_\_\_\_ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi

menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper a participação da criança sob minha responsabilidade, a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, 15 de junho de 2020.

---

Assinatura do Responsável Legal do Participante

---

**Lucimar Rosa Dias**  
Professora Orientadora

---

**Sara da Silva pereira**  
Professora Coorientadora

---

**Gabriela Aparecida da Silva**  
Pesquisadora responsável

## **APÊNDICE 2 - ENTREVISTA - FAMÍLIA**

- Qual o seu grau de parentesco com as crianças?
- Poderia nos informar: seu nome, idade, profissão?
- Você sabe do que se trata essa pesquisa?
- Por que aceitou participar?
- Poderia nos contar como você se classifica racialmente, de acordo com o IBGE: branca parda, preta, amarela ou indígena?
- Como classifica cada um dos seus sobrinhos?
- A família tem livros em casa?
- Vocês têm o hábito de ler histórias para as crianças?
- Caso possua esse hábito, poderia nos contar se as crianças gostam desses momentos e como reagem?
- Quais as suas expectativas em relação à pesquisa?



### **APÊNDICE 3 - INDICAÇÕES DO MANUSEIO DOS LIVROS**

#### **Querida família**

- Vocês estão recebendo este livro para utilizarem enquanto a pesquisa estará sendo realizada com suas crianças.
- Primeiramente, agradecemos pela disponibilidade em participar deste estudo. Sua contribuição será muito importante na melhoria da qualidade dos materiais que apresentaremos para as crianças, uma vez que elas próprias estão tendo a oportunidade de dar sua opinião sobre os mesmos.
- Como a pesquisa será feita on-line, temos algumas orientações, uma vez que não estaremos lendo a história frente a frente com as crianças.
- O livro chegará aí dentro de um envelope. Pedimos a gentileza de mostrar os livros para as crianças somente no dia e no momento em que a história será lida. Quando estivermos on-line, direi para vocês o momento certo para as crianças terem contato com o livro.
- Nós utilizaremos a plataforma zoom para conversarmos.
- Durante o momento de leitura das histórias pedimos para que o adulto presente acompanhe a leitura juntamente com as crianças apontando no livro as partes correspondentes que estão sendo apresentadas pela pesquisadora.

#### **APÊNDICE 4 - RODA DE CONVERSA - LIVRO “OLÊLE: UMA ANTIGA CANTIGA DA ÁFRICA**

- Você gostou dessa história? Por quê?
- Você já ouviu essa música que foi cantada durante a história?
- Do que você mais gostou?
- E do que menos gostou?
- De que personagem gostou mais?
- Como são os personagens da história:
- Algum dos personagens da história se parece com alguém que você conhece? Com quem? Por quê?
- Você pode pegar o livro que eu mandei e olhar as figuras, os desenhos e depois me conta o que achou delas:

**APÊNDICE 5 - RODA DE CONVERSA - LIVRO “FUZARCA”**

- Você gostou dessa história? Por quê?
- Do que você mais gostou?
- E do que menos gostou?
- Para Você o que é Fuzarca?
- Descreve para mim como é esta pessoa? (personagem Iná)
- Como é o cabelo dele o que achou?
- De que cor da pele dele?
- Você acha este personagem parecido com alguém? Com quem? Por que?
- Descreve para mim como é esta pessoa? (personagem Guido)
- Como é o cabelo dele o que achou?
- De que cor da pele dele?
- Você acha este personagem parecido com alguém?
- Com quem? Por quê?
- Descreve para mim como é esta pessoa? (mãe do Guido e Iná)
- Você gostou da roupa que ele está usando?
- Como é o cabelo dele o que achou?
- De que cor da pele dela? Você acha este personagem parecido com alguém?
- Com quem? Por quê?
- E você se parece com ele ou com outro personagem do livro? em que vocês são parecidos?
- Descreve para mim como é esta pessoa? (pai dos Guido e Iná)
- Você gostou da roupa que ele está usando?
- Como é o cabelo dele o que achou?
- De que cor da pele dela? Você acha este personagem parecido com alguém?
- Com quem? Por quê?
- E você se parece com ele ou com outro personagem do livro? em que vocês são parecidos?